

MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA
COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Percepciones sobre Masculinidad y su Relación con el Acoso Sexual Verbal Bernardo Lucio Paredes de Oliveira

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PERCEPCIONES SOBRE MASCULINIDAD Y SU RELACIÓN CON EL
ACOSO SEXUAL VERBAL**

Bernardo Lucio Paredes de Oliveira

Junho 2018

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de
especialização em Comportamento Desviante e da Justiça sob a orientação da Professora
Doutora Alexandra Maria da Silva Oliveira

2018

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimientos

A empezar por mis padres, por su paciencia y apoyo a lo largo de este trabajo. A pesar de la distancia se hicieron presentes con su interminable cariño, ayuda y soporte, gracias por darme la oportunidad de realizar y concluir este trabajo.

A mi orientadora Dra. Alexandra Oliveira, le agradezco su apoyo en la selección e interés por mi tema, por su paciencia frente a mis constantes preguntas, por sus comentarios y correcciones certeras y por su tiempo en su ajetreada agenda.

A los participantes de las entrevistas quienes me dieron un poco de su tiempo y darme una visión de sus experiencias.

A mis amigos quienes, a pesar de la distancia, horarios y demás siempre logran dar una alegría en mi vida sean con sesiones de juegos, discusiones, conversas, o simplemente por preguntar como estoy.

Finalmente, a todas las mujeres quienes, lastimosamente, tienen que aguantar el vivir en un mundo tan machista por la paciencia que tienen con nosotros los hombres

Resumen

La siguiente disertación busca explorar las percepciones de los jóvenes portugueses sobre el significado de la masculinidad y su relación con las (micro) agresiones sexuales verbales, habitualmente designadas como piropos. El estudio se basó tanto en las teorías de masculinidad y su evolución a lo largo de la historia como en su relación con la violencia. Desde estas teorías y teniendo en cuenta estudios similares, se realizó una investigación de carácter cualitativo a partir de entrevistas individuales a jóvenes hombres y mujeres portuguesas con quienes se procuró explorar las percepciones sobre masculinidad y sobre los piropos. Participaron en este estudio 17 jóvenes portugueses entre 18 y 25 años (Media de 19.53; DP=1.81) estudiantes de la Universidad de Porto. Para realizar las entrevistas se utilizó una guía de entrevista estructurada junto con videos cuyo contenido se encontraba relacionado con el tema. Se realizó un análisis de contenido deductivo de las entrevistas utilizando el programa QDA Miner Lite, lo que dio origen a dos grandes temas de la investigación: la percepción de la masculinidad y el acoso sexual verbal. Los resultados indican que la visión de masculinidades, su definición y sus características se encuentran en un proceso de transformación en el sentido de una concepción menos determinante y más fluida, queriendo promover la aceptación de actitudes personales e individuales de los hombres. Igualmente, se observaron diversas perspectivas sobre la ligación entre el piropo y la masculinidad: desde la aceptación hasta el rechazo del acto; considerarlo violento o no, pero que, a pesar de todo, se encuentra conectado al concepto tradicional de masculinidad y su demostración. Las conclusiones se encuentran limitadas al universo en que se realizó el estudio, por lo que se recomienda la realización de otras investigaciones en otros contextos y universos para que se pueda enriquecer y confirmar o negar las percepciones expuestas.

Resumo

A seguinte dissertação procura explorar as percepções de jovens portugueses sobre o significado da masculinidade e a sua relação com as (micro) agressões sexuais verbais, habitualmente designadas por piropos. O estudo baseou-se nas teorias de masculinidade e a sua evolução ao longo da história, bem como na sua relação com a violência. A partir destas teorias e tendo em conta estudos similares, foi feito uma investigação de carácter qualitativo, a partir de entrevistas individuais a jovens homens e mulheres portuguesas, em que se procurou explorar as percepções sobre a masculinidade e os piropos. Participaram neste estudo 17 jovens portugueses com idade compreendida entre os 18 e os 25 anos (Média de 19.53; DP=1.81) que são estudantes da Universidade do Porto. Para a realização das entrevistas, utilizou-se um guião de entrevista semiestruturada e vídeos cujo conteúdo estava relacionado com a temática. Foi feita uma análise de conteúdo dedutiva das entrevistas utilizando o programa QDA Miner Lite que deu origem a dois temas gerais da investigação: a percepção da masculinidade e o assédio sexual verbal. Os resultados indicam que a visão de masculinidade, sua definição e suas características se encontram num processo de transformação no sentido de uma concepção menos determinante e mais fluída, promovendo a individualidade de personalidade e aceitação das atitudes dos homens. Igualmente, observamos diversas perspectivas sobre a ligação do piropo com a masculinidade: desde a aceitação à rejeição do ato; considerado violento ou não, mas que, a pesar de tudo, se encontra ligado ao conceito tradicional de masculinidade e à sua demonstração. As conclusões encontram-se limitadas ao universo no qual se realizou o estudo, pelo que se recomenda a realização de outras investigações em outros contextos e universos para que se possa enriquecer e confirmar ou negar as percepções expostas.

Abstract

The following dissertation tries to explore the perceptions of Portuguese youth on the meaning of masculinity and its relationship with verbal (micro) sexual aggressions commonly known as cat-calls. The study was based on masculinity theories and its evolution throughout history, as well as its relationship with violence. From these theories, as well as from other similar studies, an investigation of qualitative characteristics, where individual interviews to male and female Portuguese youth, was formed. 17 Portuguese students from the University of Porto with ages varying from 18 to 25 (Mean=19.53; DP=1.81) participated in this study. A semi-structured guide along with videos having content related to the theme were used for the realization of the interviews. A deductive analysis of the interviews using QDA Miner Lite gave rise to two general themes: perception of masculinity and verbal sexual harassment. The results indicate that the vision of masculinity, its definition and its characteristics are in a process of transformation in the sense of a less deterministic concept giving way to a more fluid one, where personal individuality and acceptance of male actions and attitudes is longed for. Likewise, diverse opinions regarding how masculinity is linked to cat-calling was observed: from acceptance to complete rejection of the act; considered both violent and not but, despite all, how it continues to be deeply connected to the traditional concept of masculinity and its demonstration. Conclusions in this dissertation are limited to the universe in which it was realized, its recommended that other investigations in different contexts and universes are made to confirm and/or deny the perceptions revealed in this work.

Résumé

Cette dissertation a l'objectif d'explorer les perceptions des jeunes portugais du concept de la masculinité et la relation de celle-ci avec les (micro) agressions sexuelles verbales, habituellement perçues comme de la galanterie. Cette étude, s'est basé sur les théories de la masculinité et leur évolution au long de l'histoire, ainsi que leur relation avec la violence. Ces théories ainsi que d'autres études similaires ont servi d'appui pour réaliser une recherche à caractère qualitatif sous forme d'entretiens individuels avec des jeunes portugais, hommes et femmes, où il était question d'explorer leurs perceptions au sujet de la masculinité et sur la galanterie. La recherche a porté sur 17 étudiants de l'Université de Porto de 18 à 25 ans (moyenne de 19.53 ; DP=1.81). Les entretiens ont été conduits à l'aide de vidéos en lien avec le sujet, en plus d'une guide structurée de questions. L'information collectée a été soumise à une analyse déductive de contenu à l'aide du logiciel QDA Miner Lite, ayant comme résultat deux grands sujets de recherche : la perception de la masculinité et le harcèlement sexuel verbal. Ces résultats indiquent que la vision de masculinité, sa définition et caractéristiques subissent un processus de transformation vers une optique moins déterminante et plus fluide, qui promouvrait une acceptation des comportements personnels et individuels des hommes. L'étude a également montrée l'existence de différentes impressions sur le lien entre la galanterie et la masculinité allant dès l'approbation jusqu'au rejet. La notion de violence de l'acte en soi a été également discutée, avec des opinions aussi diverses, le consensus étant celui du rapport avec la définition traditionnelle de masculinité et sa démonstration. Les conclusions se limitent à l'environnement où l'étude a été conduit ; il est conseillable et envisageable d'effectuer des recherches dans d'autres contextes et environnements, afin d'enrichir, de confirmer ou de rejeter les résultats ci-mentionnés.

Índice

Introducción.....	1
Enquadramiento Teórico.....	3
1. Masculinidades, su definición y forma en la historia	3
1.1 La masculinidad hegemónica y su posible desmoronamiento.....	7
1.2 Violencia como reafirmación de la masculinidad.....	11
1.2.1 Violencia como expresión de poder.	13
Metodología.....	15
2.1 Objeto y objetivos de la investigación.....	15
2.2 Método.....	15
2.2.1 Participantes.....	16
2.2.2 Instrumento.....	17
2.2.3 Procedimientos.....	18
Análisis y Discusión de Resultados.....	19
3. Percepción de Masculinidad	19
3.1 Definición de masculinidad: ¿ser hombre y ser masculino es igual?.....	19
3.1.1 Estereotipos y otras características de masculinidad.....	21
3.1.2 La Masculinidad en la Actualidad: el hombre-hombre, el homosexual, y las masculinidades múltiples.....	25
3.2 Piropos o agresión sexual verbal, ¿elogios o demostraciones de masculinidad?.....	32
3.2.1 Opiniones sobre el acto en específico agresión, aceptación y normalización.....	32
3.2.2 El piropo y la masculinidad ¿natural o aprendido?	37
Conclusiones.....	44
Bibliografía.....	47
ANEXOS	53
Anexo A	54
Anexo B	56
Anexo C	58

Introducción

Mi papá era el dueño de la casa. Él no tocaba ni un pañal ni un plato. Él apoyaba a la familia y listo. Cuando acababa de cenar, el salía con los amigos o leía el periódico, Tu no incomodabas a tu papá. Mi mamá no preguntaba a donde iba o cuando regresaba a la casa. Ella no era como las mujeres de hoy. Mi papá no tenía que responderle a nadie. Los hombres eran hombres en esos días.

George, trabajador de mantenimiento, casado (Gerson, 1993)

David Wong, nombre ficticio de Jason Pargin, ha escrito varios artículos para la página web de humor *Cracked*, dos de los cuales llaman la atención pues abordan temas relativos al hombre, sus actitudes hacia la sociedad y, específicamente, su actitud hacia las mujeres. Los títulos de los artículos explican el contenido por si solos “5 Maneras en que los hombres modernos son entrenados para odiar a las mujeres” (Wong, 2012) o “7 motivos por los que tantos hombres no entienden el consentimiento sexual” (Wong, 2016). Aunque los artículos hayan sido para una página humorística, los análisis realizados por Wong describen de una manera muy concisa, las distintas influencias que el hombre tiene para actuar de una manera que es, hoy en día, considerada misógina y violenta contra las mujeres. A través de ellos trata de explicar por qué es tan difícil para un hombre entender los diferentes tipos de violencia y agresión hacia las mujeres que ellos realizan. Estos artículos describen la manera en que las películas, la música, los comentarios y “reglas” impuestas por la familia y por las amistades definen la masculinidad y crean el ideal de lo que, supuestamente, tiene que ser y hacer un hombre para actuar *macho* frente a los demás como “conseguir la chica”, entre otros actos ligados a la visión tradicional de virilidad. Interesantemente, los artículos demuestran de una manera muy relacionable y real cómo los jóvenes, y hombres en general, se encuentran dentro de una “crisis de masculinidad”, algo indicado también en el libro de Jack Myers (2016) “El futuro de los Hombres-Masculinidad en el Siglo Veintiuno” y sirven como preámbulo al tema de esta disertación.

Tanto los medios de comunicación y sociales como la sociedad en general, “crían” hombres que son agresivos hacia las mujeres. Son estos factores los que pueden formar una imagen con ideales de masculinidad tradicional, lo cual podría generar una actitud que, hoy en día, es considerada machista y misógina (R. Connell, 1995). Los pensamientos y actos relacionados a la expresión de masculinidad se han demostrado por varias sociedades a lo largo del tiempo. Su diseminación y aprendizaje se han dado a partir de los medios, de la observación

e interacción entre personas que los hombres tienen a lo largo de su vida (Bandura, 1989). La masculinidad, entonces, ¿es algo definido a partir de los hombres? ¿A partir de la sociedad? ¿Ha cambiado mucho a lo largo de las épocas o se ha mantenido inmóvil y “tradicional”? A lo largo de este trabajo se pretende colocar a la masculinidad como concepto bajo lupa, tratando de percibir las ideas que han definido al hombre como tal a través del tiempo, su relación con el poder así como también intentar entender si es la protección de esta definición y relación de poder con la masculinidad la que promueve el problema de la violencia, más allá de la física, que existe por parte de los hombres hacia las mujeres y hacia otros hombres. Por tanto, este trabajo tuvo como objetivo el observar las percepciones de masculinidad que tienen algunos jóvenes portugueses así como también vislumbrar sus opiniones sobre la ligación que tal masculinidad puede tener con el acoso sexual verbal. El trabajo, entonces, se compone por cuatro partes. En la primera se realizó un encuadramiento teórico sobre la masculinidad, su definición e historia así como el concepto de la masculinidad hegemónica y la relación a partir de la literatura y estudios de esta con la violencia y el poder. La segunda parte consta de la metodología utilizada dentro de este estudio. El capítulo tres describe el análisis realizado a partir de las entrevistas ejecutadas con los jóvenes junto con los resultados obtenidos. El texto finaliza con las conclusiones obtenidas a partir del análisis y de los resultados obtenidos a lo largo de la investigación.

Encuadramiento Teórico

1. Masculinidades, su definición y forma en la historia

Obsérvese que a lo largo de este texto no se hablará sobre lo que define a un objeto como masculino, más bien trata de ampliar lo imperativo que es ver a la masculinidad como extensión de la *posición* que el hombre tiene dentro del orden de género; del estado patriarcal que se ha establecido desde hace siglos, definiendo la masculinidad percibida, y cómo la misma ha sido sacudida hasta las bases en el mundo moderno (Freedman, 2002). La *Masculinidad*, en este texto, debe ser entendida como los patrones, prácticas y posiciones por las cuales los hombres son percibidos a partir de ella, y cómo su desarrollo o, mejor dicho, la formación de las tipologías los define como tal. Se debe sugerir que existen diversas posturas sobre ciertas características, aunque manteniendo una cierta base, alrededor de lo que significa “ser hombre”; por lo tanto, la masculinidad no puede ser definida como algo singular sino como algo en plural; es decir, debemos hablar no de *masculinidad*, sino de *masculinidades*, tal como es sugerido por R. Connell y Messerschmidt (2005). Tales masculinidades se han ido estableciendo a lo largo de los siglos y se han determinado a partir de la imagen que los hombres creen que deben demostrar hacia la sociedad, las actitudes que deben mantener dentro de ella, forjando y manteniendo posiciones específicas (generalmente de poder) y, a partir de ellas, poder concretarse, tanto hacia ellos mismos como hacia los demás, como hombres *masculinos* dentro de la sociedad.

Siglos de historia nos han indicado la importancia que hay en la demostración de virilidad y honor para ser considerado un hombre (masculino). Desde épocas antiguas, en que el primer patriarcado fue definido, reglas y leyes fueron hechas a partir de la violación del honor del hombre. Dicho honor muchas veces era relacionado con la propiedad del hombre o con su mujer (muchas veces siendo equivalentes). Esto puede ser evidenciado a partir de las leyes creadas en la Mesopotamia y Asia antiguas:

6. Si un hombre viola el derecho de otro y desflora a la esposa virgen de un joven, debe matarse a ese hombre.
7. Si la esposa de otro hombre siguió a otro y se acostó con él, se debe matar a la mujer, pero el hombre debe ser liberado. (Roth, 1995).

Las reglas y leyes señalaban que, caso el honor de un hombre fuera violado de cualquier manera, el mismo tenía el derecho de exigir que fuera restaurado o recompensado, consistiendo el pago en dinero o incluso con la vida de quien violó tal honor. Esta situación era vista como

indicador de alta necesidad para mantener intacta la posición de hombre que mantiene su virilidad y respeto.

Con el paso del tiempo, el honor pasó a ser recogido a partir de demostraciones de coraje, patriarcalismo y sexualidad. Como claro ejemplo de esto constan las leyendas griegas, las cuales aún hoy en día se difunden y reproducen como épocas en las que los hombres más masculinos (llamados como hombres *de verdad*) aún existían (Rubarth, 2014). El coraje era demostrado a partir de los héroes griegos donde este tipo de virtud era más radical y esencial. El hombre ideal era pensado a partir de las historias como Leónidas y sus 300 Soldados o Aquiles y Odiseo en la *Ilíada* y *Odisea* respectivamente, donde el coraje es resaltado como demostración máxima de masculinidad, aun si los actos llevaban a la muerte del personaje. Dichos actos de coraje son reverenciados aún hoy en día como claros ejemplos de masculinidad y como metas a lograr para ser un “hombre de verdad”. Estos pensamientos de reverencia al coraje y al honor siguieron siendo apreciados y mantenidos en altísima estima a lo largo de la Edad Media e inclusive en la época moderna (Arnold, 2003) siendo sus más claros ejemplos y demostraciones los duelos con pistolas y peleas en la calle o en bares como medio de demostración y/o restauración de honor (Arnold, 2003; Cohen, 2005; Rubarth, 2014). El hombre, entonces, ha sido representado a lo largo de los siglos como alguien que, caso sea necesario, lucha (literal y figurativamente) por demostrar valor, honor, respeto y por consecuencia, acertar dominio por encima de otros hombres. Si bien en la época contemporánea ya no es común ver duelos de pistolas, las riñas para demostrar dominio y fuerza continúan siendo muy comunes. Demostrar coraje y valor al tomar riesgos, sin pensar en las consecuencias, ha sido y se ha mantenido como una manera de demostrar dominio y, por ende, masculinidad; algo que luego pasa a ser un factor importante en actos de riesgo en otros ámbitos, tal como son los actos sexuales.

En lo que se refiere a la sexualidad, los hombres que demuestran virilidad deben hacerlo al exponerse como activos, duros, poderosos, consumidores de belleza, atacantes y dominantes, en una posición por encima de los demás, por lo tanto nunca ser lo opuesto: pasivos, suaves, débiles, víctimas y sumisos (R. Connell, 1995; Seidler, 1997; Spierenburg, 1998). Con el pasar del tiempo el carácter de estos rasgos ha sido ampliado, pasando del ámbito meramente sexual a convertirse en conceptos más generalizados, reflejados en actitudes del día a día; en una representación de cómo los hombres deben actuar frente a cualquier situación o, por lo menos, entre hombres. Al no realizar ningún tipo de acto de acorde a las características consideradas

masculinas, son tildados y “deshonrados” al ser llamados de afeminados u otros comentarios afines. Por consecuencia, pueden perder el respeto de sus compañeros y ponen en cuestión su masculinidad lo que puede llevar al rechazo por parte de su grupo (Watkins et al., 2013). Muchas veces este tipo de comportamiento es fomentado no solo en círculos de amistades como también por familiares: padres, madres, hermanos y hermanas, reafirman o denigran actos y actitudes consideradas masculinas a fin de mantener una imagen “positiva” de un miembro de la familia dentro de la sociedad (Murnen, Wright, & Kaluzny, 2002; Nadal, 2013; Stutterheim, Bertens, Mevissen, & Schaalma, 2013).

Conforme las sociedades fueron avanzando, se evidenciaron otros aspectos asociados a la demostración de masculinidad. Sin embargo, como relatado anteriormente, muchos fueron tachados y negados como alternativas a la masculinidad tradicional, y si bien fueron aceptados por un cierto tiempo, se mantuvo la idea de volver a la imagen tradicional del hombre tradicional masculino. Debido a que la idea de defender el honor a través de los actos violentos tales como luchas, mutilación, asesinato, guerras y/o peleas comenzó a verse como algo bárbaro y primitivo, o reservado para gente de estatus social bajo la generación de hombres considerados “galantes y civilizados” durante la época victoriana era vista como un ejemplo de masculinidad de la alta sociedad (Cohen, 2005; Kaye, 2009). Claro ejemplo de esto se encuentra en el siglo XVIII: el dandi, popularizado por Oscar Wilde en su novela “El retrato de Dorian Grey” es una “criatura perfecta en los exteriores y sin cuidado para cualquier cosa debajo de la superficie, un hombre dedicado completamente a su propia perfección a través de un ritual de gusto” (Kaye, 2009, p. 119). A pesar de su gran influencia y reacción sobre la sociedad de la época, es considerado por muchos, tanto hoy como en su período respectivo, como una versión femenina de un hombre, no digna de ser llamada masculina. A pesar de que esta generación mantenía a la violencia como algo bárbaro, gestos, palabras y actos realizados por Dorian Gray huían de la masculinidad “verdadera” donde la rudeza, dominio y heterosexualidad continuaban a ser mantenidos como epítomes masculinos (Cohen, 2005; Kaye, 2009). En el siglo XVIII, la reacción sobre hombres como Dorian Gray podría ser equiparada a la reacción que se tiene hoy en día sobre los hombres metrosexuales, hombres que, como Grey, son señalados por tener gusto refinado, cuidar de su apariencia física a partir de productos considerados de uso femenino; vestir ropa considerada chic, con un sentido de la moda más elevado que los demás hombres; y que a pesar de ser mayormente heterosexuales, son tachados como homosexuales o afeminados de manera

denigrante debido a estas actitudes, predefinidas como algo exclusivo de las mujeres (Reeser, 2010). Toda esta imagen reafirma el ideal tradicional masculino en el cual si bien ha visto la evolución de la civilidad del hombre, el dejar atrás sus actos más rudos y primales, tales como la violencia y falta de cuidado, fue, y posiblemente aún es, repudiado, como un indicativo de que un hombre “verdaderamente” masculino, no puede tener trazos femeninos o estar ligado a la feminidad.

Como el dandi, recientemente muchos hombres enfrentan una ola de críticas por intentar demostrar masculinidades que huyen a la definición clásica y tradicional. A partir de estas críticas se refuerza el pensamiento de que tener una masculinidad *alternativa* es algo sumamente difícil, si no imposible, de conseguir y/o implementar. Un ejemplo de estas masculinidades se evidencia en la emergencia del denominado *hombre herbívoro*, el cual, según Morioka (2013), tiene dentro de sus características el tener un aire más tranquilo, no sentirse vinculado a la virilidad (*manliness*), no ser dominante en relaciones románticas y ver a las mujeres como iguales al hombre en todos los aspectos. Acuñado en el 2006, el término se refiere a hombres que, si bien son atractivos, demuestran ser impasibles en lo que se refiere a la búsqueda de mujeres y en su relación con ellas, llegando a ser poco asertivos en su interacción con el sexo femenino; a pesar de tener encuentros románticos con mujeres y dormir con ellas, ello no conlleva necesariamente a tener una actividad sexual, algo contrario a lo que, según la masculinidad tradicional, es considerado como la meta a ser alcanzada y es lo esperado del hombre (Morioka, 2013). A partir del nombre se puede ver un claro demérito hacia el hombre “herbívoro” (pasivo y femenino) frente al “carnívoro” (masculino, dominante y asertivo). Morioka (2013) describe a estos jóvenes como más sensibles respecto a sus emociones, algo que no se veía (al menos abiertamente) en generaciones anteriores, algo por mucho tiempo reservado hacia o considerado femenino. Debido a ello se realizaron varios comentarios en los medios de comunicación los cuales indicaban un miedo al futuro debido a que “esa falta de asertividad puede darse no solo en el romance como en otros aspectos de la vida” llevando incluso a que representaciones de este tipo de hombre sean ridiculizadas en “minidramas” en la televisión por parte de mujeres u otras personas dentro de las obras como para que no se repliquen. Dichas escenas repercuten en la imagen y actitudes que los hombres deben mantener dentro de la sociedad, los actos que los hombres deben demostrar a diario para que sean vistos como hombres “verdaderos” y no como “tan mariquitas que no pueden ser considerados

hombres de verdad” (Morioka, 2013, p. 6). Incluso se llegó a atribuir a este tipo de masculinidad (o falta de ella) como causante en el declive de nacimientos en Japón. Tanto el metrosexual como el hombre *herbívoro*, junto con el dandi, son respuestas dadas al paso del tiempo y de la sociedad. Sin embargo, como visto, junto con el tiempo se ha ido estableciendo una forma de masculinidad que es mayormente aceptada a lo largo de los años y considerada como la *verdadera*. A partir de esto, muchos ven estos tipos de *masculinidades*, que huyen de lo tradicionalmente establecido, como un paso para la *feminización* del hombre. Muchos incluso que ven que este tipo de actitudes hacia el cuerpo y dentro de la sociedad se traducen en una pérdida de valores esenciales del hombre muchas veces demostrado a partir de la frase “ya no existen hombres de verdad” (Seidler, 1997).

Es así que, debido a la historicidad y a la imagen dada a lo largo de los siglos, el epítome de lo que significa ser hombre o una persona masculina sea, por definición social adquirida desde la época griega, alguien que rechaza lo femenino, que tiene sus emociones restringidas (o escoge no demostrarlas) tiene sexo desconectado de la intimidad (sexo por placer, sin romanticismo o emoción), es conquistador de mujeres las cuales le sirven como trofeo (o propiedad) y que, una vez obtenido, puede alardear de haberlo logrado; busca logros y estatus social, es autosuficiente, demuestra fuerza y agresión y tiene pensamientos *homofóbicos* (por su conexión con la feminidad); Es así que se dibuja el pensamiento masculino estereotípico, considerado por muchos como anticuado y por otros como el ideal a ser mantenido (Levant & Kopecky, 1995). Dentro de este pensamiento se forman papeles de género que están asociados al pensamiento masculino o, en su forma más extrema: machista, tanto para el hombre como para la mujer.

1.1 La masculinidad hegemónica y su posible desmoronamiento.

Dada la historicidad y la posición del hombre dentro de la sociedad a lo largo del tiempo, su masculinidad también es definida socialmente por los mismos años en los que fue forjada. El término *masculinidad hegemónica* según los estudios realizados por Connell y su equipo (1995; 2000) es un tipo de masculinidad creada a partir de la sociedad patriarcal y del conservadurismo de la misma y que sobresale y se mantiene por encima de las demás. Es esta masculinidad la que, generalmente, define los papeles de género que deben ser desarrollados por los hombres y que continúan a ser mantenidas por la sociedad (tanto por hombres como por mujeres). La sociedad patriarcal en la que somos criados, y que por la cual fueron definidas tales actitudes

masculinas crea un sistema en el que la sociedad define y mantiene los pensamientos y actos que los hombres deben tener frente a otros miembros de la misma sociedad para así demostrar su masculinidad. La masculinidad hegemónica ha determinado comportamientos que se puede observar en los hombres en distintos ámbitos de la vida como son: las interacciones dentro de las escuelas, organizaciones, actos criminales, e incluso ayuda a definir de mejor manera porqué los hombres continúan a actuar de manera considerada peligrosa abarcando comportamientos de riesgo y violencia como resultado de una influencia y expectativa societal (Bozkurt, Tartanoglu, & Dawes, 2015; R. Connell & Messerschmidt, 2005). Esto se define no solo a partir de las interacciones diarias como también en las opiniones entre amigos, colegas, pensamientos familiares y en los medios de comunicación. Cada uno de los ejemplos mencionados ejerce un tipo de influencia sobre lo que significa supuestamente “ser un hombre de verdad” definido a partir de lo que es mayoritariamente considerado masculino en la historia y por la sociedad, como indicado en el capítulo anterior. Sin embargo, es posible que el concepto considerado hegemónico haya sufrido ciertos tambaleos. Nuevas ideas sobre masculinidades y actos esperados por los hombres, en conjunto con mensajes mezclados por parte de la sociedad y los medios de comunicación, similar a lo mencionado en el capítulo anterior, han generado una posible confusión en los hombres de manera general.

Gran parte de esta controversia aparece cuando hay conflicto, por ejemplo, entre lo que se ve en las películas o material de los medios frente a lo que los movimientos en pro de la igualdad de género indican que deba ser la manera de actuar de un hombre. Tanto los comerciales como las películas han servido en gran parte como una definición del ser y actuar de un hombre masculino y en el mantenimiento de la masculinidad hegemónica, a partir de la creación de modelos e ideales de hombres que se deben seguir (Ayers, 2008; Scheibel, 2016; Seidler, 1997; Strate, 1992). Los comerciales de cerveza, por ejemplo, han tenido como enfoque un público predominantemente masculino y han transmitido por décadas la idea de que el hombre debe actuar de manera viril, tanto entre hombres como hacia las mujeres para ser deseado o admirado por ambos sexos (Strate, 1992). De la misma manera, personajes de películas sirven también como modelos de construcción y mantenimiento de la masculinidad hegemónica. A partir de los personajes principales de películas, teniendo como magno ejemplo los años 80, la masculinidad era definida a partir de cuerpos fuertes, armas, escenas de acción y *hombres malos* (*Bad Boys*) y que continúan a evidenciarse en películas actuales (Ayers, 2008;

Scheibel, 2016). Posiblemente, para tratar de recuperar y/o mantener versiones tradicionales hegemónicas de masculinidad, se han creado personajes como Han Solo, James Bond, Rambo, John McClane entre otros considerados como pilares de masculinidad en el cine moderno y en la sociedad (Ayers, 2008; Scheibel, 2016). Tales personajes son íconos de lo que significa ser un “hombre de verdad”, héroes que las mujeres desean y que los hombres quieren ser a partir de su exuberante masculinidad. Como ejemplos de esto, tanto Indiana Jones como James Bond enamoran a las mujeres imponiéndose sobre ellas, robando o forzando besos; tal dominio, fuerza, poder y control hace con que ellas se enamoren perdidamente de ellos (Ayers, 2008; Wong, 2012, 2016). Por su parte, James Dean, *sex symbol* de los 50's, creó con su imagen la idea de que los hombres tienen que consumir bebidas alcohólicas, fumar cigarrillos, ser rebeldes y demostrar que no tienen miedo al peligro, demostrando coraje como se hacía en épocas antiguas (Scheibel, 2016). Tales ejemplos e influencias hoy en día son recordadas y glorificadas en distintas representaciones mediáticas y populares dentro de la sociedad. Habiendo tanta representatividad de estas actitudes se forma un círculo de cogniciones y actos que reafirman la masculinidad tradicional y, supuestamente, la masculinidad deseada. Sin embargo, al mismo tiempo, aparecen cada vez más artículos, noticias y declaraciones demostrando que en realidad estas representaciones pueden demostrar un cierto grado de machismo latente en nuestra sociedad (Levant & Kopecky, 1995; Myers, 2016). Por tanto, para muchos estas actitudes son consideradas retrógradas y machistas. Sin embargo, está demostrada ampliamente en los medios y ejerce una influencia grande en la sociedad, razón por lo que es reafirmada y buscada por parte de los hombres hoy en día. Esta incongruencia entonces deja a muchos hombres en duda sobre cómo deben actuar dentro de la sociedad para que su masculinidad sea reafirmada.

El pensamiento de la masculinidad estereotípica ha sido cuestionado por varios grupos, principalmente feministas, en vista de que este tipo de ideología promueve la violencia y la subyugación de las mujeres (a partir de la posición de poder y dominio del hombre), manteniendo una posición legal y social que la mujer viene combatiendo hace décadas. Considerando que las mujeres están luchando hace más de dos siglos para conseguir una igualdad de género, los hombres han sido forzados a reflexionar sobre sus actos, derechos y privilegios desde la época de 1970, época en que el *status quo*, establecido por las sociedades patriarcales, sufrió un gran tambaleo gracias a la liberación sexual de la mujer, entre otros movimientos en pro de la igualdad de género (Freedman, 2002). Con esto, la masculinidad entró

en “crisis”, el pensamiento aprendido o asimilado por los hombres tuvo un giro de 180° teniendo que asumir una posición nunca antes defendida, dado que la anterior (hegemónica) jamás fue cuestionada (Freedman, 2002; Hunt, 1998; Myers, 2016). Así, junto a lo indicado anteriormente, ciertos hombres y jóvenes se encuentran en una posición en la que afirman no saber cómo actuar, indican sentirse impotentes, atacados, e incluso podrían llegar a pensar que cualquier gesto o acto está equivocado, o que puede llevarlos a ser denunciados o presos (Myers, 2016).

Los movimientos feministas y gran parte de la sociedad insisten en que la masculinidad tradicional fomenta la violencia y la subyugación de la mujer al mismo tiempo que reprime varios aspectos del hombre como la sentimentalidad, el afecto o el autocuidado. Por otro lado, se observa la forma en que los medios y otra gran parte de la sociedad continua a representar al hombre tradicional como algo que se debe mantener y no caer en la *feminización* o en su *emasculación* (Myers, 2016). Si bien han sido realizadas investigaciones para intentar cambiar la definición de masculinidad o rehuir de la definición hegemónica, los trazos aceptados y respetables para un hombre son más reducidos que aquellos aprobados para las mujeres (Willer, Rogalin, Conlon, & Wojnowicz, 2013). Esto tiene que ver con el hecho, como indica Seidler (1997), de que al intentar tener un crecimiento e integración (en términos femeninos) de actos, actitudes, y pensamientos que los hombres fueron enseñados a rechazar, se genera una ruptura y al intentar que la masculinidad tome una nueva forma, la misma se vuelve menos clara aún, cayendo en una especie de vacío sobre su identidad, provocando el deseo de retorno a una zona más confortable. Por tanto, al sentir que su masculinidad predefinida y cómoda se encuentra amenazada, muchos hombres tienden a demostrar la masculinidad tradicional que ya conocen. De esta manera, se refuerzan a sí mismos y a los demás su masculinidad manteniendo su hegemonía (Willer et al., 2013).

La teoría de la sobrecompensación masculina es una idea sobre la cual ciertos hombres, conscientemente o no, piensan en un tipo de masculinidad (generalmente la tradicional hegemónica) como más “legítima y verdadera” y que, por lo tanto, debe mantenerse dentro de una sociedad (Willer et al., 2013). Cualquier otro tipo de pensamiento (neo-masculinidad, feminismo equitativo, etc.) es considerado de menor valor, menos respetado y, por lo tanto, considerado como amenaza al pensamiento dominante y, por consecuencia, a los hombres en general (Cheryan, Cameron, Katagiri, & Monin, 2015; Willer et al., 2013). Como “reacción de defensa” ciertos hombres revelan una masculinidad tradicional amplificadas de distintas maneras,

Willer et al. (2013) y Cheryan et al. (2015) pudieron constatar que los hombres, al sentir su masculinidad amenazada o afectada, demuestran mayores niveles de actitud dominante. De la misma manera, el sentimiento de que el status del hombre se encuentra decayendo hace que tengan pensamientos más favorables hacia la guerra, hacia la superioridad de género, a tener pensamientos homofóbicos, a actos de agresividad y hacia comentarios positivos relacionados a su vida sexual tanto consciente como inconscientemente. Así, piensa reafirmar su masculinidad y aseverar, por consecuencia, la masculinidad hegemónica mantenida por tantos años. Tales constataciones dan apertura a opiniones sobre si los hombres son violentos por naturaleza o simplemente actúan así al sentir su masculinidad amenazada. ¿Por ende, será que al tener una mejor definición de lo que son las masculinidades y determinando de mejor manera las actitudes que debe tener un hombre para ser considerado “masculino”, sería posible que disminuyan los pensamientos y actos violentos?

1.2 Violencia como reafirmación de la masculinidad.

La violencia es definida como el: “uso intencional de la fuerza física, amenazas contra uno mismo, otra persona, un grupo o una comunidad que tiene como consecuencia o es muy probable que tenga como consecuencia un traumatismo, daños psicológicos, problemas de desarrollo o la muerte” (OMS, 2017; OMS, UNODC, & PNUD, 2014, p. 2). Tal definición deja clara la existencia de varios tipos de violencia además de la física. Por tanto, a partir de la creación de la alianza para la prevención de la violencia¹ se creó una tipificación de las formas de violencia tales como: la violencia dirigida a uno mismo, la violencia interpersonal y la violencia colectiva (OMS, 2005). “Se estima que en el 2012 hubo 475,000 muertes por homicidio” (OMS et al., 2014, p. 2), análogo a esto, Collier (1998) indica que la mayoría de diálogos en relación al crimen tiene que ver con los actos del hombre hacia otros hombres y/o mujeres. La relación del hombre con la violencia es inseparable, aun considerando que ella siempre fue utilizada para demostrar tanto dominio como masculinidad superior hacia el resto de la sociedad (Bozkurt et al., 2015; Spierenburg, 1998).

¹ Esta alianza es formada por Estados Miembros de la OMS, ONGs, organizaciones basadas en la comunidad y agencias privadas internacionales e intergubernamentales que trabajan para la prevención de la violencia; Fue creada en el 2004 y tiene como objetivo fortificar el apoyo, con datos, de programas que previenen la violencia(OMS, 2005).

Si bien la violencia es considerada como uno de los peores problemas que el mundo enfrenta hoy en día (OMS, 2017), el hombre y su relación con la violencia ha sido determinante tanto en la solución de problemas como en el mantenimiento del honor, volviéndose así, por muchos siglos, en un pilar de la masculinidad. Como visto en su historia, códigos de conducta fueron criados teniendo la violencia como acción justificativa de cualquier falta a la honra de uno: robos, invasión de propiedad, etc. Las infidelidades, por ejemplo eran resueltas por muchos pueblos a partir de actos violentos como mutilaciones, golpes, o asesinatos para restaurar honor y traer justicia (Poe, 2015; Roth, 1995). Tan fina es la línea divisoria entre violencia justificada y no justificada dentro del universo masculino que, como bien menciona (Spierenburg, 1998):

...es poco sabido que, en varias situaciones, no todo acto de agresión o matanza es condenado. Es muy común que en varias situaciones la violencia podía ser honorable. Sin embargo, es menos clara la manera en la que el comportamiento agresivo, o la abstención del mismo, puede contribuir en la construcción de una masculinidad y del honor masculino... (p.1)

La violencia ha estado tan ligada a la masculinidad que “vino a ser equiparada con la defensa extralegal de su propio honor, una masculinidad manifestada en el control de *su* mujer y en un respeto incuestionable de sus colegas” (Spierenburg, 1998, p. 25), y como manera de reafirmar su status de masculino (Cheryan et al., 2015; Willer et al., 2013) explayando aún más la relación entre violencia y masculinidad. Si bien estos actos muchas veces son ligados a épocas anteriores como las griegas o victorianas se debe tener en cuenta que la violencia sigue siendo utilizada hoy en día como método para demostrar masculinidad tanto por actos físicos como por otro tipo de violencias como son los insultos, difamaciones, bullying, homofobia, entre otros (Poteat, Kimmel, & Wilchins, 2010).

Es fundamental entender que la violencia hace parte de la *tradición* masculina normativa y que no se puede hablar de una sin la otra debido a que de por sí, su ligación implica una problemática de género (Bozkurt et al., 2015; Collier, 1998; Robert W. Connell, 2000; OMS et al., 2014; Poteat et al., 2010; Wojnicka, 2015). Dada la estrecha relación que existe entre las dos, Wiener (1998) alega que se generó, a partir de la época victoriana, una *masculinización del crimen*, en el sentido de que las acusaciones contra el hombre y los actos cometidos por el hombre eran y continúan a ser mayores que aquellos cometidos por las mujeres (OMS, 2005; OMS et al., 2014), estableciéndose una vinculación entre los actos y la masculinidad. Un hombre, aun mostrándose *dócil y sensible*, puede convertirse fácilmente en su contraparte para, como indicado anteriormente, reafirmar su masculinidad, algo ratificado por Bozkurt et al. (2015, p. 259) en su estudio donde tanto hombres como mujeres definieron al hombre como alguien:

asertivo, dominante, jefe de familia, agresivo, sin miedo, respetado y que toma riesgos....hombres son alentados a utilizar la violencia, si un niño es golpeado por otro el padre le indica que está siendo muy pasivo y que debe pelear y demostrar que es un *hombre de verdad*, que puede defenderse mejor que los *niños mariquitas*....la violencia es una parte aceptada de la masculinidad

A pesar de la amplitud con la que se ha documentado y explicado la violencia física, es importante, de igual manera, considerar aquellos tipos de violencia que están fuera de esa categoría. En particular, ciertos actos, gestos, expresiones, entre otros comportamientos, siguen sirviendo como mecanismos que reafirman y mantienen la masculinidad hegemónica de manera violenta pero que pasan desapercibidas e incluso normalizadas, estas son llamadas *microviolencias*. Pérez, Fiol, Guzmán, Palmer, y Buades (2008) se han enfocado en las microviolencias como maltratos psicológicos destinados contra las mujeres por parte de los hombres, muchas veces como sinónimo de *micromachismos*. A pesar de esto, se debe mencionar que estos actos no solo suceden para desacreditar a las mujeres como también se los realiza para desacreditar a los hombres y es practicado por ambos sexos. Por lo tanto, corresponde usar el término en su acepción más general, como la utilizada por Gartner y Sterzin (2016) y Woodford, Howell, Kulick, y Silverschanz (2013) que definen estos actos como descréditos o insultos tanto verbales o ambientales que afectan las experiencias y socializaciones de las personas de un determinado grupo o, en este caso, género. Dichas expresiones pueden tomar varias formas, la mayoría pasa desapercibida y, por ser menos evidentes, son invalidadas como hirientes, vistas como frases que no hacen daño, e incluso como “bromas en buena fe”; generalmente no se toma en consideración la posición de la víctima quien, al ser blanco de estos comentarios, se vuelve sensible, aislada e incluso paranoica (Nadal, 2013). Así, se debe ser dada capital importancia al impacto que este tipo de agresiones provoca ya que no sólo denigran a la persona/grupo a la que se dirigen como también, por su carácter de comentario imperceptible o chistoso, puede normalizar una conducta, mismo siendo negativa. Ejemplos de esto son las expresiones raciales (chistes racistas), los comentarios que cosifican a la mujer (piropos) y expresiones heteronormativas/homofóbicas como método de reafirmar la masculinidad (eso es tan “gay”) (Nadal, 2013; Woodford et al., 2013).

1.2.1 Violencia como expresión de poder.

Al tener una explicación histórica y relacional sobre las masculinidades y su efecto en los actos de los hombres es posible deducir, aunque de manera superficial, uno de los motivos

por el cual los hombres podrían cometer estos sucesos violentos hacia los demás (hombres y mujeres). Pensar que las mujeres y hombres sufren meramente de violencia física sería limitar la gravedad y variedad de los tipos de violencia que los hombres pueden realizar para reafirmar la masculinidad. Muchos daños son realizados a partir de la violencia psicológica, poco cuantificable debido a su naturaleza dominante, coercitiva e incluso, normativa dentro de la sociedad. Como mencionado anteriormente, las microviolencias como piropos, insultos, comentarios con matices escondidos sirven como actos de reafirmación de la masculinidad y del poder. La ideología tradicional masculina y la vergüenza asociada a la percepción de su falta contribuyen a que se realicen actos que perpetúen el patriarcado y los conceptos tradicionales de masculinidad (Thompson Jr. & Bennett, 2017). Backman y Backman (1997) refieren que acosadores, por ejemplo, no nacen, se hacen. Murnen et al. (2002) indican que un buen predictor de agresión sexual son las ideologías masculinas que combinan una hostilidad contra las mujeres y la aceptación del dominio del hombre, así como la aceptación de la agresión del hombre contra una mujer. Indican también que un gran predictor de agresión puede ser el mismo esquema patriarcal en el que un hombre se encuentra, lo que es mencionado también por Thompson Jr. y Bennett (2017). Es posible, entonces, ponderar que la causa de violencia sea la sensación de falta o pérdida de poder siendo, en este caso, la agresión ejercida de distintas maneras la forma en que se reafirma o enaltece el poder masculino que fue perdido, sea para sí mismo o hacia los demás (Backman & Backman, 1997). Esto es algo que puede confirmarse a partir de la posición del hombre a lo largo de la historia, posición que fue, y aún es, sinónimo de poder y superioridad dentro de la sociedad. Analizándose desde la teoría de la sobrecompensación de Willer et al. (2013) junto con la historicidad de la sociedad patriarcal así como la educación e influencias recibidas de varias fuentes, se puede inferir que la violencia es un acto que reafirma la masculinidad como la posición de poderío dentro de la sociedad o, por lo menos, dentro de su círculo social (pareja, amistades, etc.). Sin embargo, en vista de que los actos violentos físicos son considerados una ilegalidad, existe la posibilidad de que una alternativa más “pacífica” tome su lugar y las microviolencias terminan siendo un gran mecanismo por el cual el hombre reafirma su posición dominante dentro de la sociedad de manera sutil, escondida, aceptada e inclusive chistosa (Nadal, 2013). Es así como las microviolencias, junto con otros tipos de violencia sirven como actos de manutención del *status quo* anterior, situación que se mantiene a través de diversos medios, tanto educativos como sociales.

Metodología

2.1 Objeto y objetivos de la investigación.

Como indicado anteriormente, la masculinidad es un tema que requiere ser explorado. Sin embargo, por eso mismo es importante indagar sobre la percepción que se tiene de ella y a partir de lo observado, introducirse al tema de la violencia. Debido a la gravedad de la violencia dentro de la sociedad es imprescindible no solo analizarla pero también descubrir que la relación tiene con la masculinidad. Descubrir dentro del discurso de los participantes los motivos o factores que pueden dar origen a un comportamiento y pensamientos considerados agresivos contra la mujer. Tomando en cuenta que no se tiene un enfoque en actos físicamente violentos, el estudio intenta centrarse meramente en actos y actitudes sutiles que pueden normalizar actos violentos, homofóbicos y misóginos en la sociedad considerados parte de una masculinidad hegemónica tóxica.

Así, este trabajo pretende explorar a partir de entrevistas realizadas con jóvenes portugueses, y a partir de su experiencia, su percepción del significado de masculinidad según, la posición de la masculinidad en la actualidad, así como observar en sus opiniones sobre el tema de existir una relación entre el ser masculino y hacer comentarios *micro-violentos* hacia el otro sexo.

2.2 Método.

El estudio intenta dilucidar, a partir de los discursos formulados durante las entrevistas, la existencia de una relación entre la percepción de la masculinidad que mantienen los jóvenes y la agresión/violencia que puede manifestarse en los hombres. Es por ello, entonces, que el estudio pretende ser de carácter cualitativo.

Se escogió este tipo de metodología debido a que, como indica Braun y Clarke (2013) y Seymour-Smith (2017), los análisis cualitativos son considerados los mejores con respecto a temáticas de definición lingüística, social y que son complejas y en constante cambio, como son los estudios relacionados a la psicología de género. Temas sensibles como son los de las masculinidades y su posible relación con la violencia requieren y fomentan un espacio de

desarrollo y de experiencia personal así como, en última instancia, describir la manera que las personas entienden cómo funciona el mundo a su alrededor (Rubin & Rubin, 1995).

Entrevistas a profundidad han sido utilizadas como método de análisis sobre temáticas de masculinidades. Wagner (2016) realizó entrevistas con hombres para entender la visión de masculinidades a partir de la construcción del cuerpo revelando que en general pensaban en y formaban cuerpos a partir de los rasgos esperados de la masculinidad hegemónica. Chan (2017) exploró las experiencias, definiciones y entendimientos de masculinidades por parte de estudiantes filipinos *queer*, considerando factores externos como familia, cultura y vida en el campus. Kluczyńska (2017) entrevistó a enfermeros en Polonia para analizar los motivos por los cuales escogieron trabajar en esa rama de la medicina y si tal entrada (y eventual salida) estuvo afectada o si la razón de sus opciones estaba ligada a su visión de masculinidad. Finalmente, entrevistas también fueron utilizadas por Roomani, Tayyab, Kamal, y Siddique (2016) quienes analizaron la participación de las mujeres en la perpetuación de la violencia dentro de las familias en Paquistán y por Reed et al. (2008) quienes analizaron contextos y situaciones de adolescentes que podrían determinar y perpetuar violencias entre parejas.

Por lo tanto, se ponderó que la mejor metodología consistía en realizar entrevistas tanto a hombres como a mujeres a fin de poder analizar mejor los discursos al tener una visión que no se encuentre sesgada por un de un género sin contribución del otro, al mismo tiempo que así se intenta obtener una visión más amplia acerca de la opinión sobre la relación entre el fomento de la masculinidad hegemónica y de la agresión/violencia por parte de ambos géneros. Dichas entrevistas fueron planeadas para permitir percibir y observar a fondo características, relaciones, pensamientos, influencias, creencias, entre varias otras circunstancias que modelan los pensamientos con relación a la masculinidad y su relación al fomento o normalización de la agresión. Se escogió este tipo de estudio en vista del tipo de información que se quiere recolectar.

2.2.1 Participantes.

Como requisito de inclusión a este estudio se definió que quienes quisieran participar del estudio debían ser de nacionalidad portuguesa y encontrarse dentro del rango de edad entre 18 a 25 años. A partir de ello cualquier participante con tiempo y voluntad podría participar de la entrevista. Siendo estas las características, en este estudio participaron 9 mujeres y 8 varones adolescentes portugueses con una edad media de 19.53 (DP=1.81). Cabe mencionar que en un primer momento se optó por realizar la convocatoria en las distintas facultades de la ciudad, a

partir de la misma se lograron convocar tres participantes hombres (incluidos en el conteo anterior), uno de la Facultad de Economía (FEP), y dos de la Facultad de Ingenierías (FEUP). No obstante, conforme el pasar del tiempo y debido a la falta de aceptación en las distintas facultades, se optó por reducir el universo a la Facultad de Psicología y de Ciencias de la Educación de la Universidad de Porto (FPCEUP) donde la convocatoria obtuvo mayores resultados y por límite de tiempo para la realización del trabajo. A pesar de ello, no se descartaron las entrevistas realizadas con los hombres de las otras facultades por la riqueza de datos, como también para que puedan iluminar posibles contrapuntos a las entrevistas realizadas en la FPCEUP. Los participantes fueron escogidos por conveniencia, en el primer momento a partir de bola de nieve en la FEP y FEUP y en el segundo momento a partir de convocatorias realizadas dentro de salas de aula de la FPCEUP.

2.2.2 Instrumento.

Para la recolección de datos se utilizó una guía de entrevista específicamente concebida para esta investigación. La misma fue construida en base a la revisión de literatura y considerando objetivos de la pesquisa. Siendo un estudio exploratorio que tiene por objeto obtener las percepciones en torno al significado de la masculinidad y su posible relación con las actitudes verbales violentas de los hombres, se procuró que las entrevistas causaran impacto y giraran alrededor de la definición o pensamiento sobre qué determina la masculinidad, los tipos de actos que definen a un hombre, y si los mismos, siendo estos agresivos (sutilmente o no) sirven como reafirmación de masculinidad o como demostración/reafirmación de la misma. En la parte en que se planteó explorar distintas relaciones a la masculinidad, el primer grupo de preguntas exploran el pensamiento “crudo” relativo a su concepto, tomando en cuenta los conocimientos (o falta de ellos) con respecto a la masculinidad. El segundo grupo de preguntas responden a un video que demuestra, a partir de un comercial, la masculinidad hegemónica con la cual se pretendía recibir una opinión vinculada a la misma. El tercer grupo de preguntas corresponde a la reacción a partir de un video en el que se demuestran acosos verbales (sin insultos ni denigraciones exageradas) con los cuales se esperaba obtener reacciones que permitieran explorar, a partir de los temas anteriores (masculinidad), la relación de estos con las microviolencias presentadas en el video. Finalmente, la entrevista termina con preguntas de datos demográficos a fin de obtención de un promedio de edad y de sexo (cf. Anexo 1).

2.2.3 Procedimientos.

Para hacer las entrevistas se realizó una convocatoria a partir de un pedido de contacto hacia los estudiantes con la indicación a los que estuvieran interesados en participar que indicaran su preferencia de reunión para participar en la entrevista. Se pasó a contactar a los participantes que mostraron interés estableciendo tanto fechas como lugares de las entrevistas. Las entrevistas se realizaron en su totalidad entre el uno (01) de febrero y el uno (01) de marzo del 2018 en de una sala privada de la Facultad de Psicología y de Ciencias de la Educación. Cada participante fue informado sobre qué consistía el estudio y sus objetivos. Recibieron toda la información disponible para poder indicar que estaban de acuerdo en participar del estudio, ser grabados, así como también informar si les gustaría conocer los resultados de la investigación recibiendo una copia ellos y una copia el investigador a partir de la firma del consentimiento informado (cf. Anexo 2). Una vez concluida la entrevista se les agradeció la participación. A partir de las entrevistas elaboradas fue hecha la transcripción total de las mismas. Concluida la transcripción, se procedió a un análisis temático de tipo deductivo ya que se pretende intentar confirmar o revisar las teorías indicadas en el marco teórico a partir del discurso de los participantes. Se procedió a la agrupación de frases, expresiones y pensamientos indicados a lo largo de la entrevista que tuvieran relación con los objetivos esperados. Las transcripciones fueron pasadas al programa QDA Miner Lite para su codificación y catalogación a partir de temas que surgieron en las entrevistas. Tal programa fue utilizado debido a su facilidad de acceso y utilización en este tipo de análisis así como su similitud con otros programas CAQDAS como NVivo y Atlas.ti (Chomczynski, 2008; LaPan, 2013) así como su utilización en varias universidades del mundo tal como la Universidad Autónoma de Madrid, Harvard Business School, Stanford University, la Universidad de São Paulo, entre otras (Provalis, 2018). A partir de este programa, fueron analizados los discursos hechos a lo largo de las entrevistas y posteriormente se hizo un agrupamiento por temas que conformaron el cuerpo de análisis y de discusión de la investigación (cf. Anexo 3).

Para mantener la confidencialidad los nombres de los entrevistados fueron minimizados a sus iniciales anteponiendo una M, en el caso de las mujeres, o H, en el caso de los hombres, para poder facilitar la diferenciación entre sexos y así tener una mejor apreciación sobre los comentarios mencionados.

Análisis y Discusión de Resultados

En esta sección se analizan y discuten los resultados obtenidos a partir de las entrevistas realizadas las cuales integraron 2 temas generales: percepción de masculinidad y acoso sexual verbal con sus respectivos subtemas discutidos en sus respectivas secciones, dentro de cada una se presentará literatura interpretativa articulada a partir de literatura y estudios existentes.

3. Percepción de Masculinidad

En lo que se refiere a la masculinidad, una de las entrevistadas, MARP, indicó que la masculinidad: “é uma palavra um pouco difícil de dar uma definição porquê... na minha perspectiva não é algo que esteja associado a homens... associamos determinada imagem aos homens... eu... não sei, se calhar é um bocado difícil pra mim de dar uma definição” algo que hace eco a lo largo de las percepciones observadas dentro de la investigación. Para aclarar la percepción que se tiene de la masculinidad y en vista de la naturaleza exploratoria del estudio, se pudieron dilucidar varios subtemas en el tema de la percepción de masculinidad.

3.1 Definición de masculinidad: ¿ser hombre y ser masculino es igual?

La definición de masculinidad se ha vinculado a una serie de características, pensamientos, y conceptos que, generalmente, es aprendida o moldeada a partir de la sociedad y de la división de género. Tanto así que a lo largo de los años se ha relacionado el ser masculino con ser hombre, ambos significando lo mismo para muchos (R. Connell, 1995). Debemos empezar entonces por profundizar en las percepciones sobre la relación entre ser masculino y ser hombre. Ciertos entrevistados, como HR, indican que “desde cedo naturalmente acho que no fundo significa a concessão cultural, socio-cultural do que é ser... eeeh um conjunto de características que constituem o ser masculino” haciendo referencia a que la masculinidad está limitada a ser experimentada por parte de los hombres, algo ligado al clásico y establecido significado de masculinidad (R. Connell, 1995) visión más marcada por MI al mencionar que “é uma coisa que está atribuída ao homem, são características atribuídas ao homem... que separam completamente o sexo feminino do sexo masculino, para pôr cada um no seu papel”. Este comentario refleja la idea de que la masculinidad es en realidad una serie de conceptos

sociales y expectativas actitudinales de ambos sexos para lograr su diferenciación y así poder aplicar de mejor manera la hegemonía del sexo masculino por encima del femenino, algo también indicado por HN:

a masculinidade sim sim, acaba por ser uma forma de... do homem mostrar orgulho que tem de ser homem... em ser homem, assim como o feminismo também é uma forma da mulher mostrar que tem orgulho em ser mulher e é uma forma também de... contrariar um bocado a filosofia do homem... eu acho que é basicamente é uma forma de... das pessoas do sexo masculino mostrarem de certa forma a sua identidade, né? A sua, as características que os distinguem das mulheres.

Así como también por HD “masculinidade é basicamente ser homem” lo cual es indicativo de la manutención de este precepto. Al mismo tiempo, se ven diferenciaciones entre el sexo, género y orientación sexual:

a masculinidade [...], é ter o órgão masculino, né? [...]ser homem... significa... ser uma pessoa ser um ser humano que nasceu com o órgão masculino... e que... tem o objetivo de se reproduzir, agora se, se gosto só de mulheres ou só de homens ou dos dois ou além mais, acho que já é diferente” (HF)

Y aunque exista esta división también existió confusión respecto a la misma:

pra mim acho que a masculinidade seria simplesmente um homem... em termos de ter um pénis, de não ter os seios... é mais isso [...] ter, pronto, certas características presentes do homem... a mulher tem o período o homem não tem... são essas diferenças que pra mim diferenciam verdadeiramente o homem da mulher e não as atitudes ou algo do gênero (MM);

mas eu acho que ser homem passa e... e se calhar muitas pessoas não concordam mas é a minha visão, passa por gostar de mulheres acho que é o, o ponto principal porque é basicamente o que distingue (HN)

A pesar de la confusión entre términos por ciertos entrevistados, está claro que el gran diferenciador entre sexos es determinado a partir de la biología, del órgano sexual más que las actitudes y pensamientos sociales de una persona. Estos comentarios podrían ser indicativos de que, como argumenta MacInnes (1998), la masculinidad *per-se*, se encuentra tan disuelta en los tiempos modernos, algo tan personal y subjetivo a la experiencia de cada persona, que la misma no existe o no debería existir (así como tampoco los géneros), lo cual justificaría esta mezcla de términos y relaciones entre ser hombre y la masculinidad.

A pesar de que algunos entrevistados reflexionaron y demostraron tener un pensamiento sobre la definición de la masculinidad relacionada a algo considerado hegemónico, describiendo cómo el papel de hombre se acopla a actitudes y expectativas tradicionales marcadas a lo largo de los años. Es importante recalcar también los cambios que han mostrado, como fue explorado en capítulos anteriores, de que tal masculinidad hegemónica puede encontrarse de cierta manera afectada. El movimiento feminista y los discursos y pensamientos sobre la igualdad de género demostradas por los entrevistados han hecho que la idea de masculinidad haya cambiado y su

percepción sea menos hegemónica de lo que aparenta. HR posiblemente refleja gran parte de este nuevo movimiento y pensamiento, algo que va muy de acorde al pensamiento de MacInnes (1998):

a minha ideia de masculinidade é um bocado mais ehm... não é muito rigorosa éééé, é apenas digamos... ehh, não é uma ideia de masculinidade muito bem definida é mais o homem moderno é uma pessoa que não se deixa... tem uma... cuja personalidade e cujas tendências cuja identidade não é, não é digamos restringida por ideais, por estereótipos, mas sim.... é digamos livre, tem a liberdade de se formatar de se criar como quiser

De allí, a pesar de que se mantengan ciertos preconceptos sobre ser masculino, y que están ligados a la masculinidad hegemónica tan marcada a partir de la historia, los pensamientos sobre mantener este tipo de masculinidad dentro de nuestra sociedad moderna han disminuido y posiblemente han generado cambios en el pensamiento de los jóvenes de hoy en día “eu acho que o masculino (...) é uma concessão artificial... fomos nós, foi o humano, o ser humano que inventou isso, ser homem é algo que está inerente à nossa própria natureza...” (HG). Es decir, la masculinidad continua a ser percibida como intrínseca al hombre, sin embargo, puede haber un creciente pensamiento de que la misma no debe ser utilizada como definición específica de qué es un hombre, dando paso a una libertad, un cambio a los estereotipos y a las características definidas por la masculinidad tradicional. Por lo tanto, el siguiente paso queda en explorar los cuestionamientos: ¿Qué características entonces son aceptadas y cuales se creen ya anticuadas o demasiado tradicionales en los hombres del presente? Respondiendo a esta cuestión eso se puede observar de mejor manera cómo la masculinidad hegemónica puede estar ligada al sexismo pero que, al mismo tiempo, abre espacio para la exploración de otras masculinidades.

3.1.1 Estereotipos y otras características de masculinidad.

La masculinidad hegemónica, como bien indica R. Connell (1995), refleja cómo una forma de masculinidad es exaltada culturalmente, siendo la misma mantenida a través del tiempo y cómo, por ende, mantiene su soberanía. Dicha masculinidad tradicional, ha sido continua a través de los años y expresada a través del hombre, el cual debe demostrar virilidad, respeto, coraje, valentía y fuerza física, conjunto de atributos que por años han sido considerados como ideal de la masculinidad (Poe, 2015; Rubarth, 2014; Seidler, 1997; Thompson Jr. & Bennett, 2017). Como visto en la sección anterior, todavía se han mantenido estos pensamientos e ideas con respecto a la masculinidad como demostración de ser hombre a partir de lo que

piensa la sociedad. Sin embargo, se puede observar el surgimiento de un cambio a través de la visibilidad de distintos tipos de género, sobre lo que significa hoy en día ser masculino. Falta entonces, observar si las características se mantienen a partir de diferentes actitudes, trabajos entre otras condiciones opinados por las personas, lo cual ha generado una cierta división en los tipos de masculinidades (Marques, 2011):

acho que a masculinidade em geral p'ra, p'ra sociedade é... acho que tem duas partes... tem a parte de aquilo que é o estereótipo de gênero e aquilo que é que um homem deveria ser... sei lá... corajoso, trabalhador, forte... sei lá, mais fisicamente musculoso alto, com esta ou com aquele traço de personalidade... eeh ou com este aquele traço físico aliás... que sai que vai que faz que acontece mas ao mesmo tempo também que toma conta dos seus o que lhe dá...lhe daria, num sentido mais patriarcado (MAR)

Catorce de los entrevistados mencionaron que características relacionadas a poder, dominancia (“passa muito pelo facto de serem mais...fortes, quer.. de nível físico como psicológico” - HN) y actitudes protectoras “...a força, o todo-poderoso, o que conquista, aquele ali mostrava ali a conquistar a mulher, ehm... acho que é... a sup... mostrar a superioridade do homem... acho que é mostrar isso” - MP) son parte del ser masculino, para demostrar masculinidad. De la misma manera, aunque en menor cantidad, siendo solo seis, indicaron que existen trabajos que son más ligados a la masculinidad estando correlacionados a actividades físicas y de fuerza

por exemplo polícias e militares... lá está o facto de ser mais força física ou pode ser ter mais força física e robustez não sei... (MAI);

eu acho que as coisas masculinas associam-se mais ahm....por exemplo a algo que... por exemplo... eeh... sei lá a mecânica, por exemplo, é algo que está muito associado ao homem, né? (MM)

Así como también hubo una indicación de que aún existen profesiones que son consideradas más femeninas

há determinados estereótipos e há determinadas coisas que se assumem, por exemplo, um homem ser educador de infância é uma coisa que faz muita confusão à gente... em enfermagem, por exemplo, ou fisioterapia acho que são outras áreas que levam a mesma coisa (MAR).

Esto podría llevarnos a asumir que el pensamiento sobre masculinidad sigue siendo definido a partir de lo que la masculinidad hegemónica ha determinado a lo largo de los años. Empero, se señala que, en su gran mayoría, esas características fueron catalogadas como algo estereotípico y en varias formas indicadas como una visión negativa de masculinidad conectando a este tipo de pensamiento con el sexismo, aunque esto fue visto en su mayoría dentro de las mujeres:

sinceramente quando eu penso em masculinidade penso muito em estereótipos e... concessões um bocado antigas sobre aquilo que é o papel do homem, ou seja, quando eu penso em

masculinidade acho que... é muito... enaltecer o papel do homem e metê-lo lá em cima e o homem tem o poder e o homem... tem que ser o chefe de família, o homem tem que... o homem manda, o homem é que tem de tomar as decisões, o homem é intocável e.... eh e é mais forte que a mulher e etc soa muito a sexismo também (MAO)

Mientras que algunos hombres indican que “masculinidade nas suas doses excessivas também pode ser encarado como algo, como é que eu hei-de dizer ehm... se fôssemos um pouco selvagens... por exemplo, pode ser encarado como algo mau” (HG). Siendo así, existe la posibilidad de que es una masculinidad excesiva, o el machismo, lo que genera el problema. La división sobre características positivas y negativas podría confirmarse al haber comentarios, aunque reducidos, en los que también se enaltece y compara a la masculinidad como algo ligado al caballerismo, “entra um rapaz e uma rapariga, não sei normalmente... o rapaz por questão de cavalheirismo, por exemplo, paga o jantar ou puxa a cadeira p’ra menina sentar ou abre a porta tipo... esse tipo de coisas...” (MAI) actos demostrativos de respeto de cuidado frente a la mujer son considerados como algo positivo y muchas veces expectable por parte de los hombres (Cohen, 2005), existiendo incluso reclamos al ver que los mismos ya no son tan evidentes “é aquela ideia do cavalheirismo, não é tanto do machão, de eu quero que mandes em mim, não é nada disso é espécie de... ó já não se preocupam o suficiente p’ra ir abrir a porta do carro p’ra eu entrar...” (MAO). A pesar de ello, tal característica fue, al mismo tiempo, desvinculada de ser algo exclusivo de hombres, siendo que este “cavalheirismo também... não é preciso ser ligado aos homens [...]también há cavalheirismo entre as mulheres” (MAO) dando paso al pensamiento de igualdad entre sexos y que las características antes consideradas exclusivas del hombre, son consideradas hoy realizables por ambos sexos, y ya no a penas expectativas para su definición como tal.

A partir de esta sección entonces podemos observar que, tal y como menciona Myers (2016), los entrevistados opinan que las características que siempre fueron consideradas como parte íntegra de ser un hombre masculino han sufrido un cambio. Cabe recalcar que tales características y pensamientos considerados estereotípicos de la masculinidad fueron mencionados una vez terminada la propaganda de Old Spice², que alude justamente a la extinción, mencionada en el comercial, del *hombre-hombre*. A partir de esta imagen, los entrevistados indicaron opiniones más polarizadas sobre la masculinidad, ello podría indicar

² La propaganda de Old Spice fue uno de los videos presentados durante la entrevista. Tal video muestra “el llamado del hombre-hombre” alegando la falta de hombres de verdad y el regreso a una masculinidad “verdadera” que consta de imágenes y expectativas hegemónicas tradicionales del hombre.

que el pensamiento conjunto de los jóvenes en relación a esa imagen es justamente de algo estereotípico, anticuado y/o que se encuentra asociado al sexismo. Sin embargo, cabe la posibilidad de que tal discurso sea expresado meramente cuando una imagen o actitud exageradamente *macha*, pero no necesariamente sexista, es demostrada. El pensamiento de que un hombre tenga que ser fuerte, musculoso, protector, poderoso y dominante llega a ser considerado sexista por casi todos los entrevistados a excepción de HD quien al ser preguntado si cree que la imagen mostrada podría ser considerada como ideal, indicó que

Sim, porque não? Por que é que um homem não deveria querer... ok ele 'tá a se mostrar é verdade... mas... pode se 'tar a mostrar mas pode também tentar fazer uma coisa boa por trás... por trás a ação é boa... apesar das suas intenções não serem as melhores... ou serem mais convencidas ou mais orgulhosas... mas elas são, o que ele 'tá a fazer por trás é boa... porque, por que não ser assim?

Siendo HD uno de los estudiantes de otra facultad indicando que estudió, y estudia, en un ambiente mayormente masculino (“eu andei num colégio só de rapazes [...] Bioengenharia na FEUP”). Junto a otros posibles factores que pudieron influir en su forma de pensar tal como un ambiente diferente, una forma de abordar temáticas de género de manera distinta a la de la FPCEUP, entre otros, su opinión es demostrativa de una realidad diferente, posiblemente más tradicional, algo que es resaltado una vez que los otros dos hombres de distintas facultades no tuvieron el mismo tipo de comentario:

Eu acho que... neste momento temos o estereótipo, pelo facto da história não é? Mas masculinidade não tem de ser isso, não é? (HL);

temos essa ideia da masculinidade conservadora, tradicional, que está a extin... não digamos extinguir-se mas pelo menos no mínimo a sublimar-se ou até mesmo a extinguir-se (HR).

Considerando que el pensamiento relativo a las características de masculinidad es diferente dependiendo de cada persona, también podría existir una discrepancia sobre como demostrarla, así como también una permutación con relación al significado del concepto de masculinidad. Es posible que el concepto de masculinidad que se mantenía en el pasado se haya transformado en el presente, algo que, como veremos a continuación se encuentra en el pensamiento de los jóvenes. Teniendo en cuenta estas observaciones y opiniones dadas por los entrevistados podemos entonces constatar una cierta discrepancia, ya que la imagen tradicional de los hombres, la masculinidad hegemónica, hoy puede ser vista como sexista, siendo así ¿cómo debe actuar un hombre masculino? ¿cómo demostrar masculinidad hoy en día?

3.1.2 La Masculinidad en la Actualidad: el hombre-hombre, el homosexual, y las masculinidades múltiples.

La masculinidad antigua, “tradicional”, hegemónica como menciona R. Connell (1995) y R. Connell y Messerschmidt (2005) ha sido mantenida y, como se ha visto en los comentarios anteriores, se sigue manteniendo en ciertos aspectos y maneras. Con todo, la opinión de los entrevistados sobre cómo se genera y mantiene este tipo de pensamiento incluye también el cambio que se está generando a partir de los movimientos en pro de la igualdad tal como menciona MAI:

eu acho que os homens começam a perceber que... o papel deles não tem de ser tão associado a imagem tradicional... agora neste momento eu acho que... as gerações mais novas não são tão assim... e acabam por partilhar muito mais e acho que, mesmo a nível emocional, os homens estão muito mais abertos e procuram partilhar mais do que dantes o faziam.

Compartido por varios entrevistados, la cita demuestra cómo el discurso generacional ha sufrido un cambio en la percepción de masculinidad y de la actitud que los hombres pueden/deben llevar. De la misma manera, los entrevistados indican que el pensamiento de los hombres sobre sus actos es definido a partir de la sociedad en la que uno está inserido, lo que conlleva a que el propio concepto de masculinidad sea modificado a partir de los nuevos pensamientos y actitudes sociales que se mantienen como aceptables dentro de la sociedad en la que el hombre vive (“a masculinidade não é só... não é só nossa, mas é algo que os outros nos atribuem” - HD). Esto entonces genera el dilema citado por Myers (2016), en el cual hay un sentimiento de progreso “nem toda a gente passa aquele tempo de horas no ginásio para ter aquela forma... nem aquilo surge naturalmente, mas alguém que olha fica ‘ai eu devia ser assim porque aquilo é que é o epítome do que é ser homem’...” (MAR), pero al mismo tiempo puede ser reflejo del posible limbo que viven con respecto a la actitud que los hombres deben tener hoy en día, lo que anteriormente era enaltecido por la sociedad, ya no lo es e, inclusive, termina sucediendo que ese representante de hombre hoy en día sea visto como alguien machista, e inclusive irreal “há uma parte em que ele diz que está em vias de extinção e não sei o quê... não é? Lá está, eu acho que esse é o tal estereótipo que eu estava a falar... de que o homem tem de ser mais forte” (HL). Tal confusión pudo ser observada en los entrevistados masculinos en los que indican creer en la igualdad, pero, por lo que se espera de ellos, sus acciones podrían ser consideradas machistas o que rebajan al sexo femenino:

ontem aconteceu, ‘tava uma rapariga a levar uma mala de viagem, e ‘tava assim a olhar pra nós... pros rapazes então não me tão a levar isto ou... sei lá... quando eu vejo que não tá a conseguir eu levo mas... ela já tava com aquela coisa que ela até depois disse, né? Ela estava com aquela coisa

de porque é que os rapazes não me tão a levar a mala a mim que sou uma senhora, né? E isso seria normal há 100 anos, tá a ver? Seria o rapaz, seria estúpido se não levasse a mala da senhora mas hoje em dia... com essas diferenças tão diluidas e com as mulheres a lutarem tanto pelos seus direitos... vamos pra alentar a pedir pra levar uma mala tá a ver? (HF)

Tal comentario podría indicar, aunque a menor escala, la sensación de confusión que los hombres pueden sentir entre la masculinidad tradicional (hegemónica) y su propia identidad como hombres masculinos.

Así se generan entonces dos polos, en los cuales el hombre puede mantenerse dentro de lo que es “esperado” tradicionalmente por él, como también puede tener la libertad o amplitud a que puedan salir del molde de la masculinidad tradicional definida a lo largo de la historia

hoje em dia pelo menos e pelo que eu vejo não há tanto... essa ideia predefinida de que um homem tem de ser X, tem de ser assim e uma mulher tem de ser assim, acho que isso tá completamente hoje... pelo menos hoje em dia com as pessoas com quem eu lido da minha idade isso [...] já não acontece, sei que antigamente havia mais essa, esse estereótipos e que tinha de ser assim mas hoje em dia acho que não e que... tá muito diferente felizmente. (FP)

Esta diferencia del pensamiento “antiguo” contrario al que se espera en la actualidad, es proveniente o surge a partir, según entrevistados, de la crianza e influencia de las personas que rodean al hombre. Tanto así que en lo que respecta a la masculinidad, los discursos y aprendizajes son realizados a partir de actos “inconsciente[s], nós não temos grande poder sobre isso porque...nós desde que nascemos desde que somos um bebê que nos é incutido são nos incutidas.... pequenas coisas” (MM). Estos pensamientos y actos inconscientes son los que definen a largo plazo lo que, para esa persona, es considerado ser masculino, algo que incorpora actitudes, pensamientos, frases, entre otras características (Seidler, 1997). Es decir, los pensamientos relativos a masculinidad pueden ser, y son, incorporados al día a día de las personas. Levant y Kopecky (1995), Myers (2016) y Pease (2000) podrían estar de acuerdo en que son justamente esos pequeños detalles los que mantienen el pensamiento hegemónico así como las expectativas sobre ser masculino y son éstas justamente las que dificultan la transición hacia una masculinidad diferente, debido a que lo que se espera tradicionalmente y lo que se espera en la actualidad es, de varias maneras, contradictorio. Esta situación ocurre a partir del pensamiento hegemónico asimilado a la normalidad por parte de las personas, visto como algo “natural” (“algumas expressões que nós utilizamos sem [...] sem querer de, fazer mal ou alguma coisa... simplesmente porque são expressões utilizadas” - HL). El pensamiento normativo permeado dentro de la sociedad hace con que los hombres puedan sentir la necesidad de demostrar masculinidad frente a otros miembros de la sociedad, como reafirmación de ser parte

de un grupo (ser hombres) a partir de la demostración la misma ya sea dentro de un grupo de hombres:

eu até acho que... pode parecer aqui também um paradoxo, mas acho que - e devido à experiência que eu estou a ter acho que sermos menos, ser... estar num grupo mais restrito de rapazes acho que torna-nos mais masculinos... masculinos ou pelo menos dar mais valor a masculinidade do que daríamos se tivéssemos noutras condições. (HN)

como también demostrarlo hacia el otro sexo

Se um contexto é só com homens só com... depende, porque essa pessoa eeh... [...] provavelmente em ambos contextos vai haver essa necessidade essa pressão. Por acaso que... penso que essa pessoa vai querer parecer masculina tanto para raparigas como para rapazes. (HR)

Todo ello y al mismo tiempo que, como visto en el anteriormente, tal demostración no sea vista como una expresión machista o negativa hacia el otro sexo o hacia sí mismo.

Este pensamiento acaba por volverse más complejo en vista de que tal contradicción y expectativa es experimentada por los hombres, no solamente por miembros del mismo sexo como también por miembros del sexo opuesto. El patriarcado y las actitudes que se esperan del hombre se han calado también hacia el sexo femenino, con lo que los participantes indican que tanto hombres como mujeres realizan este tipo de actos que conservan los pensamientos tradicionales, ya sean a partir del eje familiar, de la crianza de los hombres:

acho que as mulheres podem fazer parte disso e também muitas vezes fomentam essa ideia mesmo as mães então não chores eres homem, só nesse, nessas pequenas coisas (MARP); as mulheres mães também cometem muito daquelas coisas tipo... tu não és nenhuma menina... e faz -te homem. (MAO)

Como también a partir de las expectativas que se tienen de los hombres en encajar dentro del papel tradicional: “uma mulher... que tenha, que esteja à procura de um homem robusto... e encontra um homem destes frágil, pode ser muito cruel... no sentido de dizer que não é homem... que não é homem-homem” (MAQ). El aprendizaje con relación al significado, como con relación a lo que conlleva la masculinidad es algo que es, entonces, aprendido y fomentado a partir de la familia y la sociedad. En tanto, ello no necesariamente refleja lo que los hombres y mujeres actuales piensan o consideran como algo propio de ellos, cómo deberían ser e incluso los posibles cambios que luego la sociedad o ciertos grupos de ella, puedan tener.

Tal y como la masculinidad hegemónica, establecida e integrada a nuestros pensamientos y actitudes por tantos años, los nuevos pensamientos están dando lugar a que se integren y apliquen actitudes y comentarios haciendo con que esa visión sobre la masculinidad esté pasando por un cambio. A pesar de la existencia y aprendizaje previo de lo establecido por la sociedad patriarcal “acho que ainda existe claramente ainda que seja de uma forma

inconsciente e de uma forma mais...mais escondida acho que ainda existe essa... base, agora penso que dia a dia esta, está ligeiramente a ir... desaparecendo” (HR). El cambio indicado por los entrevistados ha abierto camino para que se generen actos que confrontan la masculinidad hegemónica, algo que, según mencionan los entrevistados puede dar paso a un nuevo tipo de hombre (R. Connell, 1995; Levant & Kopecky, 1995; Myers, 2016). Se pudo observar la idea de los interrogados de que la visión tradicionalista de la masculinidad es algo considerado arcaico y por ende “mesmo não sendo este estereótipo de um homem, é um homem” (MAI). Pensamientos como “os homens também têm fragilidades, não é? Os homens também têm dúvidas[...] as pessoas não têm sempre soluções pra tudo” (MAI) y “um homem não precisa de ser lançado... não precisa de ser... bravo para ser homem para ser masculino... um homem” (HD) son indicativos del sentimiento de que el hombre no necesariamente debe atenerse a las expectativas de la masculinidad tradicional para ser considerado un *hombre*, algo que podría considerarse como un gran paso a favor de la igualdad, como bien indica Pease (2000). Empero, la adaptación hacia un nuevo estilo de masculinidad, la cual afronta siglos de una actitud normalizada, implica el enfrentar lo ya establecido. Esto afecta tanto las relaciones como actitudes que los hombres tienen en el día a día:

isso acontece com muita gente[...] moldarem-se a aquilo que os outros esperam deles...
infelizmente isso acontece com muita gente mas acho que... pelo menos eu cada vez vejo menos
disso o que me deixa bastante feliz que acho que não temos de ser quem, não é” (MLO)

Este cambio de actitudes y expectativas entonces, como bien menciona Myers (2016), podría generar sufrimiento o pensamientos negativos en los hombres con respecto a estas discrepancias “[um homem] que não se encaixa de todo nos padrões que... nesses padrões mais clássicos acho que sofre muito mais” (MAO). De la misma manera en la que el patriarcado afecta a las mujeres, existe el pensamiento de que tales aspiraciones de masculinidad tradicional afectan de manera igual o mayor a los hombres: “como mulher eu sinto que pronto tenho as dificuldades como mulher mas os homens também têm as suas dificuldades, muitos preconceitos se não seguirem aquela linha básica e rígida de ser o homem” (MM). Tal y como es indicado por R. Connell (1995) y Myers (2016) y que mucho se conecta a la aparente bifurcación entre masculinidad y homosexualidad.

R. Connell (1995) ha descrito que la masculinidad es definida a partir de la negación de lo femenino. Entonces hombres que se adhieren o realizan gestos u actitudes socialmente consideradas femeninas generalmente, son vistos y tildados de homosexuales. Con lo cual, ¿ser

homosexual es contrario a ser masculino hoy en día? A pesar de que se tenga una aceptación mayor en lo que respecta a un hombre saliendo de lo que es establecido y el pensamiento de que “um homem que tenha uma preferência sexual que não seja heterossexual não deixa de ser homem” (MAQ) sea compartido a lo largo de las entrevistas, tanto por hombres como por mujeres, se puede observar también como continúa existiendo una clara división entre masculinidad y feminidad y su ligación aparente a la orientación sexual. Al preguntar sobre la posibilidad de un hombre ser femenino sobresalen comentarios de que

isso agora entramos na... no aspecto da orientação sexual (...) há sempre, um do par, um dos pares é um bocadinho mais feminino do que o outro, e se calhar tem um papel mais feminino que o outro, ou seja, sim, o homem... por ser homem mas pode ter também papel feminino. Claro que, sempre um bocado ligado à orientação sexual dele. (HD)

Lo cual hace eco a las asunciones de la relación con la orientación sexual de los hombres y su actitud masculina o femenina. Tal y como es reflejado por Chan (2017) el ser homosexual continua a ser visto como algo femenino y esto, a su vez, como algo inferior. Ergo, contrario a lo masculino, a ser hombre, aún existe el pensamiento de que ser homosexual es, hasta cierto punto, visto como negativo dentro de la sociedad que vivencian los entrevistados “[a] assunção que ocorre é que ele é homossexual e que, é uma ofensa à sociedade... características mais associadas ao sexo feminino é lido como algo negativo também” (HG). Apesar de que “cada vez mais, com a evolução da sociedade, eu acho que cada vez mais isso está a descer porque agora há muita mais igualdade em termos dos homossexuais e de bissexuais e de heterossexuais e tudo mais, o que é ótimo... e penso que cada vez mais as famílias estão começando a conseguir aceitar” (HAM) el alejamiento de ser considerado homosexual va de la mano al rechazo de ser visto como femenino, con lo cual tienden a reafirmarse como hombre heterosexual, masculino, hegemónico dentro de la sociedad en distintos escenarios

quando aparece as *drag queen* ou algo do gênero... ele, os homens sentem mais nojo e... ódio por aquela personagem, e as mulheres não... as mulheres vão lá apoiam... vai força e os homens não começam a dizer ‘vai bixa, vai pra casa’... porquê? Parece que estão a duvidar da própria masculinidade deles por ‘tarem a ver aquilo em vez de aceitarem que... é um corpo, é normal (MM).

De tal manera que podría hacerse visible entonces y una vez más, la paradoja que el hombre puede sentir entre el demostrar masculinidad como rechazo a la feminidad para mantener el *status quo* hegemónico o demostrar actitudes consideradas femeninas y “arriesgar” ser considerado femenino y/o homosexual. Aun así, se debe tomar en cuenta que algunos entrevistados indicaron comentarios similares a que “por exemplo, eu conheço homens que não têm tiques nenhuns e são homossexuais, e homens com tiques que não são homossexuais” (HF),

lo que podría demostrar la posibilidad de que un hombre, su masculinidad y su orientación sexual no necesariamente tienen que ser condiciones dependientes o excluyentes, sino más bien abren paso a una nueva y aceptante diversidad de masculinidades.

Como indicado al comienzo de este capítulo, según los entrevistados, la masculinidad es algo difícil de acuñar y ello puede deberse, como indica R. Connell (1995), a que no se puede pensar en la masculinidad como algo único que abarca a todos los hombres:

há homens que podem querer ser o tal homem apesar de que pronto o, pá já vamos passar com essa moda já não faz sentido mas... há homens que podem muito bem querer ser esse homem e há homens que podem não querer e há homens que podem querer ser... como eles quiserem não tem que haver uma alternativa. (MAO)

Varios entrevistados están de acuerdo con este pensamiento en el sentido de sentir que no se puede encajar a todos los hombres en un solo patrón de actitud. Al ser expuestos a lo que podría ser considerado el ideal masculino fue común escuchar réplicas del estilo

pronto, aquilo é um tipo de homem eu sou outro tipo de homem, tá a ver? Há mais tipos de homem. Se calhar há aqueles que pensam..., eu não ‘tou todo musculado, eu não sou, não ‘tou a cheirar a homem e se calhar ficam um bocado... confusos, assim com menos... eu acho que isso já depende de cada um... eu acho que, se calhar, cada um devia ser... pronto também é preciso educação, não é? Mas... não, não iluminar o modelo, não dizer que o modelo aquele é incorreto... apenas dizer que é um deles... ‘tá a ver? (HF)

Ejemplo de esta visión. Se refuerza entonces no solo el pensamiento de masculinidades múltiples como también el pensamiento de que un hombre que no se adhiere o expresa la masculinidad hegemónica podría, de la misma manera, estar expresando una masculinidad propia, individual, que no necesariamente encaja en lo que es tradicionalmente considerado masculino. Pero que no necesariamente sea indicativo de ser femenino o que alude a una orientación sexual o de género diferente. Hubo entrevistados como MLO quien admitió tener un pensamiento más tradicional en relación con la masculinidad alegando que para ella solo hay un tipo de esta, pero al mismo tiempo refiere que “isso é porque é pra mim, mas sei que há muitas para toda gente... acho que depende muito da nossa opinião própria agora há mais que uma... por isso é que os homens são todos diferentes também”. Ello retrata, sobremanera, el cambio existente en relación con las expectativas de un hombre como indicado por Levant y Kopecky (1995) y Pease (2000) explorado anteriormente. El sentimiento concerniente a lo que es considerado un ideal masculino puede llegar a ser una a mezcla de ideales tradicionales como robustés, fuerza (MAQ) respeto y honor (MAI) como visto a lo largo de la historia de la masculinidad (Cohen, 2005; Poe, 2015). Al mismo tiempo, pueden incluirse también características como sensibilidad y apertura de expresión sobre sus sentimientos (MAQ, MAI).

Visiones tradicionales no son necesariamente negativas “se o homem quiser ser assim todo musculado e ser assim engatidão e ser assim o que protege a mulher... e se a mulher quiser ter um engatidão que a protege e isso... não vejo porque não” (HF) ya que el hombre ideal “depende da pessoa que está a avaliar o homem né?” (MLO). Habiendo entonces tanta apertura y aceptación aparente dentro de la sociedad hacia estas masculinidades múltiples dentro de las entrevistas se trató un último tema relacionado específicamente con la percepción de masculinidad, su importancia.

MacInnes (1998) refleja que la masculinidad puede ser vista meramente como una herramienta política, una ideología producida por el hombre cuya función es unicamente la manutención del patriarcado. Siguiendo esta línea de argumentación es interesante ver como algunos entrevistados podrían estar de acuerdo con esta idea indicando que “o próprio conceito de masculinidade como algo... o próprio objetivo... está a cair um cadinho em desuso [...] tipo a marca da masculinidade tá a perder o seu poder.” (HG), lo cual podría indicar, el fin de la masculinidad como concepto que define a un género. Uno de los sentimientos que se repite a lo largo de las entrevistas puede ser mejor explicado por HAM:

acho que masculinidade, acho que é só definir o sexo das pessoas, não penso que... que seja assim tão... não sei, não consigo, não acho que seja uma palavra forte o suficiente para caracterizar alguém, não... acho que nunca me virei pra alguém e disse "tu tens uma forte masculinidade" digamos assim simplesmente digo... inteligente, és isto és aquilo, mas nunca, nunca utilizei esse termo como se fosse assim tão... importante...

Si bien, una vez más, vemos la ligación que se tiene entre masculinidad y sexo, recordándonos que un hombre “debe” ser masculino, se puede considerar que esta expresión sobre la falta de importancia del término puede deberse a que la normalización de la masculinidad hegemónica haga con que siempre se piense en la masculinidad como algo sexista o, en contrapartida, al hecho de que la modernidad, al dar paso a una multitud de masculinidades, ha hecho que el significado o definición del propio término se diluya, perdiendo así el sentido de su definición e importancia para con el hombre y/o sociedad (R. Connell & Messerschmidt, 2005). Los comentarios, haciendo alusión a la importancia del tema en general, reflejaban un sentimiento de que el tema de masculinidades debe ser discutido mas no para su definición sino para su desmitificación y la ruptura del pensamiento masculino hegemónico:

O conceito de masculinidade... é algo que é muito artificial e tem consequências, às vezes... nefastas nas pessoas em sentido de autoestima e pode levar mesmo a consequências a nível psicológico... graves eu acho que sincera... eu acho que pronto, é um conceito que existe, mas agora, que acham, que não deve ser levado demasiado a serio. (HG)

Teniendo en cuenta este tipo de pensamiento, y teniendo a la masculinidad como punto focal, se pasa al siguiente tema explorando la relación entre el acoso verbal y la masculinidad.

3.2 Piropos o agresión sexual verbal, ¿elogios o demostraciones de masculinidad?

A lo largo de este capítulo se discute la visión de los entrevistados con respecto a la agresión sexual verbal, sobre la cual existen distintas opiniones. Debido a la variedad de opiniones, se opta primero por analizar los comentarios sobre el acto per se y así dilucidar de mejor manera las opiniones con relación al acto y su ligación, o no, con la masculinidad.

La literatura y los estudios determinan al piropo como una agresión sexual verbal. En tanto, ni siempre los participantes demostraron considerarlo como tal. Así, a lo largo del análisis se utiliza la palabra *piropo* atribuyéndole el sentido subjetivo de cada participante. De esta manera se adopta el punto de vista de los participantes ya que es su sentido el que pretendemos captar. De otra forma, estaríamos imponiendo una visión y desvirtuaríamos los objetivos de la investigación.

3.2.1 Opiniones sobre el acto en específico agresión, aceptación y normalización.

A partir del video mostrado se adquirió una amplia amalgama de reacciones sobre el acto en específico. Una de estas opiniones estuvo dividida sobre el hecho de que el acto sea considerado una agresión. Mientras algunos entrevistados indicaban que pensaban que “sim...acho que isso o é, pelo menos é o começo de tipos de violência de gênero” (MAR). Hubo también opiniones más a la par de que “se calhar que não violência, mas pelo menos [...] um *inoportunismo*... uma falta de respeito, do gênero” (MP). Esta clase de hechos fueron indicados tanto por hombres como por mujeres en las entrevistas, tal sentimiento dividido luego fue justificado a partir de la experiencia de cada persona con respecto a los actos, siendo que la opinion de que sean agresivos o no dependan del tipo de experiencia, alegando subjetividad a la misma: “agora qualquer coisa... é assédio, eu também não sei definir isso... também é um, é um pouco subjetivo...” (MARP). Tal experiencia entonces genera confusión em determinar si el acto debe ser considerado violento, agresivo, un acoso o considerarlo una broma ya que es determinado a partir de la interpretación de la receptora del piropo “[É] difícil definir [o] que é um piropo ofensivo do que é um piropo... parvo não é?” (MARP), junto con el lenguaje utilizado y sentimiento de quien recibe los piropos:

depende do que é dito e do que é feito e assim... sao coisas mínimas que se calhar, são tão frequentes que nós nem pensamos nelas como... como agressões verbais ou assim...podem ser de certa forma depende da sensibilidade da pessoa (MI);

uma pessoa dizer ah tu és bonita na rua não pode ser considerado violência... agora se for uma pessoa a dizer ‘anda cá, deixa eu falar contigo e depois for atrás dela e agarrar na pessoa... isso sim já poderia ser considerado assédio...(HJ)

Como visto en la ultima cita, el uso de fuerza física es ampliamente considerado como agresivo/violento lo cual demuestra, particularmente, la dificultad en acuñar al piropo/acoso como agresivo ya que algunos opinan que, no se puede mezclar a las dos “[Um comediante português] falava do assédio e disse que obviamente não era a favor mas disse que não podia, não se devia [...] colocar o assédio no mesmo pacote, no mesmo caixote digamos assim, que por exemplo, as violações” (HN). Tales comentarios reflejan el pensamiento de que la violencia puede estar ligada solamente a actos que generan un malestar físico. Sin embargo, se pudo observar a partir de algunos entrevistados, aunque pocos, comentarios que los piropos si pudieran ser considerados un acto violento psicológicamente:

Sim, eu acho que é uma violência psicológica de algum, de algum modo, eles pensam que é um elogio, mas pra nós não é elogio nenhum... nós pensamos que estamos a ser atacadas na realidade... e ‘tamos sempre desconfiadas e agora o que que ele vai fazer... por tanto sim é uma violência com certeza (MM)

Tal ambigüedad entre si el piropo es o no considerado un acto violento entonces hace visible la complejidad de determinar a este tipo de actos como agresivo o de tipificarlo en específico como violencia, tanto por el tipo de comentario o acto realizado hacia la víctima, como también por el hecho de que el mismo la/le afecte o no:

há mulheres mais sensíveis que outras... e há homens mais agressivos que outros, assim como há homens mais sensíveis que outros e mulheres mais agressivas... [...] se for mais sensível a esses comentários ahm... pode ficar mais... eh... constrangida, pode-se sentir pior... pode fazer com que se sinta pior consigo mesmo e tenha que dar ali as contas de todos e sentir que tem que andar tipo escondida do mundo todo, como pode haver uma que simplesmente, ‘tá bem e continua a andar (MLO)

Estas discrepancias, en lo que concierne al sentimiento del acto ser o no un tipo de violencia o agresión, genera también divisiones sobre la aceptación del acto entre los entrevistados.

El aceptar a los llamados piropos, según los jóvenes portugueses entrevistados, depende en gran parte, como indicado anteriormente, de contemplarlos como agresivos o no, del tipo de palabras utilizadas, así como la fortaleza de la persona que recibe esas palabras.

Si bien difiere de caso a caso hubo estudiantes que piensan que es algo natural el apreciar la belleza del otro:

quando nós achamos alguém bonito, independentemente de ser homem ou mulher, às vezes, lá está, é bonito exteriorizar uma coisa positiva... mas uma coisa é um elogio, não é? É o ser positivo, outra coisa é o invasivo porque havia um intenção (MAI)

En el caso de los hombres la aceptación o rechazo de los piropos va de la mano con las experiencias e interacciones que los mismos han tenido con relación a este tipo de actos indicando que era común y aceptado el realizar los comentarios sin saber o pensar en el efecto de estos: “por acaso eu não tinha essa ideia até chegar aqui à faculdade, né? ‘Tô, ‘tô rodeado de mulheres, não é? E só agora é que comecei a perceber este ponto delas” (HF). Lo cual indica lo expuesto por Gartner y Sterzin (2016), y por Campos, Falb, Hernández, Díaz-Olavarrieta, y Gupta (2016), quienes mencionan que la falta de conceptualización o entendimiento de una de las partes en lo que se refiere al sufrimiento de este tipo de micro agresiones normaliza el acto por más que sea considerado una violencia sexual hacia las mujeres y crea el ambiente para que se prolifere y mantenga este *status quo* algo reiterado a partir de los comentarios realizados mayoritariamente por las mujeres, durante el estudio y reflejando que, aceptantes o no, el piropo continua a ser una actividad *normal* en Portugal

3.2.1.1 Legalidad en la normalización.

En lo que se refiere al entorno portugués, se puede indicar que los piropos son considerados comunes y una realidad del día a día. Aceptantes o no de que sean considerados violentos, casi todas las mujeres entrevistadas indicaron haber pasado, sufrido o visto que se realizan este tipo de comentarios “Eu acho que é uma realidade normal eu acho que toda, todas as raparigas com quem eu [falei] já passaram por isso pelo menos uma vez” (MI) lo que refleja claramente la normalización de esta práctica. A pesar de esto, o posiblemente a causa de este y/o de su efecto con las mujeres, se criminalizó el acto a partir una nueva adición al Código Penal Portugués algo que también generó opiniones dentro de los entrevistados.

La Ley 170 del Código Penal Portugués (2015), indica que:

Quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constrangendo-a a contacto de natureza sexual, é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal.

Con la ley, piropos caracterizados como aquellos que tengan carácter sexual podrían ser denunciados y criminalizados. No obstante, se mencionaron tanto dudas como especulaciones sobre el verdadero impacto de esta ley debido a la subjetividad sobre la experiencia de recibir un piropo como también debido a su aceptación dividida por parte de la sociedad. Por lo tanto,

no está clara la posibilidad de realizar una denuncia para que se aplique la ley, incluso se duda de que la misma sirva de algo:

esta coisa do... do tornar ilegal o piropo, que nem sei se é bom ou se é mau (MAO);

acho que não é assim uma lei muito fácil de provar, não é? Vais dizer em tribunal ‘olha, mandei-lhe um piropo. Onde é que ‘tão as provas, saca o vídeo’... (HJ)

Se ha demostrado el impacto que ha tenido el acoso verbal en las personas en Portugal, lo suficiente como para que sea creada una ley. Sin embargo, según la ley las denuncias solo pueden ser hechas en caso de que exista una propuesta explícita de índole sexual. Esto podría generar confusión en las víctimas ya que el piropo per se es de índole sexual, independientemente de las palabras utilizadas:

os advogados na altura depois de terem ali na lei... diziam é que, ok um piropo é piropo... ou um piropo é considerado crime... se for envolvido teor sexual no conteúdo... se eu me virar p’ra alguém e disser: ‘ok, tu és boa.’.. isto de todo não é crime... mas se eu me virar p’ra algum e disser ‘quero transar contigo’ isto já é (HD)

HD ilustra claramente esta diferencia al indicar que decir a una mujer que “está buena” no tiene un contenido sexual explícito, sin embargo implícitamente se le puede interpretar como un avance sexual. Esto entonces realza la dificultad para que los piropos sean realmente criminalizados ya que, por un tecnicismo, su denuncia, aplicación y prueba pueden verse afectadas. Por este mismo problema y por el hecho de que el piropo no suele tener un efecto visible sobre las personas, variando de persona a persona, se han generado dudas sobre el impacto de la ley o si la misma serviría como herramienta para disuadir esta práctica:

se calhar já não tem tanto impacto quanto tinha antes... talvez porque vemos crimes que não são resolvidos... ou injustiças que são feitas também... em termos de direito... é uma lei mas não fazem nada... então acho que não mudariam nada na mesma (MM)

De la misma manera, si bien la vasta mayoría de entrevistados indicó conocer sobre la existencia de la ley, los detalles de esta, principalmente sobre la índole sexual, son desconocidos.

Una vez más, debido a la subjetividad de la experiencia, de los tipos de comentarios recibidos, entre otros factores, los pensamientos sobre los beneficios de esta ley se polarizan, llevando a que se piense que es una ley exagerada en el sentido de que cualquier comentario puede ser considerado crimen:

lá está quando houve essa lei houve muitos comentários acerca do assunto, é o que eu disse: se calhar é um bocado excessivo no sentido que depende muito do comentário... né? [...] é sempre bonito, por exemplo, uma pessoa vai a um café e a pessoa que ‘tá a servir dá um elogio do tipo ‘ai é muito bonita’,né? uma senhora p’ra uma senhora... ‘hoje está muito bonita!’, se for um homem ia dizer também... eu acho que acaba por ser igual é um elogio, não é? Agora, quando se... torna aquele desrespeito, aquela invasão...aí, sim, acho mau... seja homem ou mulher a dizer um elogio... saí a ser crime... não sei todas as clausulas da lei... (MAI)

Ningún entrevistado mencionó conocer cómo se realiza o prueba la denuncia, indicando como mayor problema la dificultad en probar el acto, algo indicado anteriormente por HJ. Realizar una denuncia entonces se ve como algo inservible justamente por lo referido anteriormente, la alegación de tener miedo de que en caso de denuncia la única respuesta sería hacer el ridículo

já acontece tão regularmente que... 'tar sempre a fazer queixas acho que já era... não adiantava de nada e se calhar até eu tenho essa ideia, se eu fosse a apresentar um processo se calhar eu até chegava depois a uma esquadra e ainda gozavam comigo... (MM).

Esta falta de conocimiento sobre personas que hayan denunciado exitosamente, cómo hacerlo, y la falta de confianza de ser acogidas de manera correcta justifica el pensamiento de que, a pesar de lo positiva que pueda ser la ley, su influencia para generar un cambio no es del todo realista o existente

apesar que eu acho que isso do ser punido vai ser muito difícil... mas que isso possa ser punido dalguma forma...[...] a lei ok é boa porque tenta fazer alguma coisa mas eu acho que não é, não é por aí que as coisas vão mudar...tem, tem que ser por outro lado (MAO)

Con todo, se tiene entonces un pensamiento posiblemente HJ refleje de mejor manera el problema planteado:

é uma lei que 'tá se calhar a ser usada p'ra proteger nesses casos extremos, não é? Onde os piropos tornam-se mais agressivos... nesse caso faz sentido, né? Em caso como eu disse menores também... tinha que ser uma lei que pronto... que faz sentido, né? Por casos extremos... porque em, então em casos de menores... de tudo que isto faz a um lado, né? Como crime não vais à esquadra e dizes 'olha, eu disse um piropo' e ele não, ok... pô-lo na prisão ou... que é, é não se prova bem é preciso provar é difícil de provar é... difícil de... de levar as... muito a sério se calhar... é complicado, né? As pessoas saberem ah, ou 'ele disse' 'ela disse' é o caso... acho que a lei em si até faz um bocado de sentido por esses casos mais extremos, não é?

Es decir, se mantiene la opinión de que el piropo genera un daño a las víctimas solamente cuando se llega a extremos, tal y como refleja la ley. Cuando las índoles explícitamente pueden causar un impacto a la víctima podría aplicarse la ley. Sin embargo, su prueba es dificultosa con lo que muchos crímenes quedan impunes, abalando aún más la creencia de que la ley ampara y protege a la víctima. Algo aún más visible en el caso de los piropos implícitos donde el daño es poco perceptible. Sin embargo esto no significa que aquellos piropos con sexualidad o agresión implícita no generen daño.

En las entrevistas se indicó un consenso de que, aunque a veces ridiculizado, independientemente de la índole sexual, explícita o implícita, existe un efecto en las personas, aunque sea de formas y medidas diferentes siendo que la gran mayoría de mujeres indica que este efecto es algo negativo y de impacto en su vida diaria

Incomoda... estas situações incomodam e eu falo também agora um bocado como mulher. Incomoda assistir e realmente viver isso porque sentimos que não podemos andar na rua descansadas... parece que temos que andar sempre com alguém, com um homem ao nosso lado... não precisamos, era o que faltava (MLO)

Se puede inferir que a pesar de la existencia de la ley, la falta de conocimiento sobre la misma y las dificultades existentes para aplicarla, a partir de la subjetividad de la experiencia de la víctima, es la normalización del acto e incluso la falta de visibilidad con relación a la agresión recibida la que hace con que se generen opiniones dicotómicas con respecto a la ley.

Si bien es claro el efecto negativo que estos comentarios tienen en sus víctimas y en la sociedad, el no poder, o querer, entender a la persona que recibe estos comentarios siendo hombre o mujer mantienen a los piropos en el limbo, siendo agresivos y a la vez inocentes, aceptados y a la vez rechazados tanto por hombres como por mujeres; ilegales y al mismo tiempo tan normalizados que su denuncia no se realiza. El cuadro no solo indica la complejidad de la temática como también podría señalar que el piropo hace parte de una interacción societal. Por ello, es importante no sólo ver qué es lo que hace con que se generen estos actos, como también explorar la percepción de motivos detrás de los mismos y su posible ligación con la masculinidad.

3.2.2 El piropo y la masculinidad ¿natural o aprendido?

A lo largo de las entrevistas se dibujó un trayecto en el cual, a través de las discusiones iniciales, se planeaba intentar observar la posible ligación entre el piropo y la masculinidad. Con ello, al hacerse esta pregunta se obtuvo una serie de opiniones sobre esta relación. Se exploró la motivación por la cual se realizan estos actos, llegando así a tal correspondencia. Dos de los hombres entrevistados indicaron la posibilidad de que el mencionar este tipo de comentarios es innato y, natural para el hombre

Posso 'tar a dar um tiro ao lado, né? Mas suponho que seja... pelo... pelas nossas hormonas? (HF)";

Eu acho que é um pouco inerente... eu acho que se um homem... nascer p'ra apreciar homens... acho que faria exatamente a mesma coisa (HD)

Tal opinión podría indicar la inclinación de que el hacer piropos sea algo inevitable y que los hombres no tienen control sobre este tipo de actos. Al mismo tiempo, se indicó la posibilidad de que esa supuesta inherencia venga acompañada de una naturalización/normalización del acto a partir de normas y expectativas sociales impuestas hacia lo que debe ser un hombre, en conjunto con su propia naturaleza

No mundo em que viemos, tão saturado de imagens, de vídeos, de programas de tudo, de representações [...] da sociedade, acaba por ser complicado ver quem é que surgiu primeiro, se realmente nossos comportamentos foram modelados no que nós vimos nos meios de comunicação ou se foi ao contrário se são comportamentos naturais [...] é possível que haja uma parte instintiva... mas penso que também [...] essa parte instintiva pode ser ativada ou estimulada, [...] porque é externo pelos meios de comunicação, lá está pelas imagens... pelas ideias de masculinidade e etc. (HR)

Así, se puede inferir que en realidad el pensamiento del hombre masculino como un ser de carácter sexual incontrolable, parte realmente del modelamiento realizado a través de la aculturación del modelo hegemónico de masculinidad, el cual justifica este tipo de actos como “naturales” y siendo parte del *status quo* establecido en las relaciones de género por siglos (R.W. Connell, 1987; Lips, 1991). Algo que se mantiene, como mencionado por los entrevistados, a partir de los medios de comunicación, sus imágenes y actitudes estereotípicas que un hombre debe tener (Scheibel, 2016; Strate, 1992; Wagner, 2016), tal y como fue mencionado en el capítulo anterior. Igualmente se llega a la opinión más general de que, como indica MAI “tá na mentalidade que é natural... é natural no sentido de ser aprendido na sociedade, ser comum ser feito isso, então vai se fazendo... né? Vai se aprendendo...”. No solo el acto como el pensamiento relacionado al mismo es algo que es aprendido y fomentado “por filmes por programas da televisão [pela] repetição continua de certas [...] coisas acaba por... fomentar estas ideias no público... e... também acaba por ter um forte impacto [nos homens]” (MP). Eso podría indicar, hasta cierto punto, la influencia y efecto que los medios de comunicación en sus distintas expresiones tienen en la manutención de las actitudes y pensamientos relacionados al género y su importancia para el cambio de este comportamiento (Ayers, 2008; Scheibel, 2016; Strate, 1992; Wagner, 2016). A partir entonces de estas influencias, así como del aprendizaje y fomento de las mismas, se continúa a mantener la imagen tradicional del hombre, tanto así que hubo varios comentarios sobre cómo el piropo hace parte no solo de esa imagen como también es un acto elemental en la demostración de la masculinidad.

3.2.2.1 Demostración de masculinidad.

Al ser una pregunta central de la investigación, se pudo vislumbrar opiniones de que el acto de lanzar piropos hacia las mujeres se encuentra sumamente ligado a la demostración de hombría. Tanto hombres como mujeres se encontraban de acuerdo en que este tipo de actos son realizados para

mostrar que... que são homens e que podem mandar piropos e que podem dizer aquilo que querem e fazer aquilo que querem porque são homens (MP);

é p'ra demonstrar que se é homem e p'ra demonstrar que de facto temos [...] temos orgulho em ser homens, mas não é uma boa forma eu acho... mas acaba por ser isso por mostrar à pessoa que somos homens, ao próprio grupo... e até a nós mesmos (HN)

Entre las opiniones también se manifiesta que la realización de estos actos es para conseguir atención: “atenção, acham que são mais homens por fazer isso, acham que fica bem, p'ra os amigos [...] muitos rapazes fazem situações dessas por causa dos amigos... p'ra mostrar que são machões” (MLO). Tal pensamiento es compartido por casi todos los participantes de la investigación y podría ser indicativa de la importancia de la demostración de “masculinidad” dentro de un grupo y así conseguir el reconocimiento y posible respeto de sus pares tal y como fue descrito en Watkins et al. (2013). Esto se encuentra, como mencionado anteriormente, a la par de la demostración de su heterosexualidad dentro del grupo como parte esencial para mostrarse como hombres “de verdad”: “o porquê deles fazerem isso... se calhar... não é assumir mas... evidenciar não é? Um forte papel de que o homem tem que gostar da mulher, não sei...” (MAI). Con lo cual se podría corroborar lo indicado por Willer et al. (2013) y su teoría de la sobrecompensación masculina en el caso de este tipo de actos. Al hacer comentarios y lanzar piropos el hombre no solo demuestra su deseo sexual hacia el sexo femenino, como también asevera su heterosexualidad. Al reafirmarla también disminuye su miedo de mostrarse o aparentar ser homosexual frente a sus compañeros, algo que, como visto en Woodford et al. (2013) también se trata de evitar para poder así mantenerse como miembro del grupo.

La expresión de sexualidad heterosexual en los hombres continúa a ser un determinante en el reconocimiento de masculinidad frente a la sociedad. El uso de los piropos sirve como herramienta para este efecto. MAQ refiere que “os homens são associados a mulherengos... podem ter várias mulheres e nunca vão ser julgados por isso, enquanto que uma mulher que tenha mais do que um homem... é suja, é puta”. Por tanto, junto a esta visión se pudo observar el sentimiento de que, como hombre, uno debe realizar estos actos casi de manera obligatoria, como una a manera de poder conocer a personas del sexo opuesto y entablar una posible conversación, como también para poder demostrar el estereotipo indicado antes y que hace parte de la estructura y expectativa hegemónica del hombre (imagen de un hombre conquistador, mujeriego, etc., “temos que ser nós, temos que ser nós... se não fizeres nada, nenhuma delas vem ter contigo e não vais ter mulher, tens que, tens que ser tu” - HF). Esto demuestra principalmente las diferentes expectativas de los sexos con respecto a las relaciones entre ellos al ver que, del lado femenino, en cambio, si bien se menciona que también observan y aprecian

al hombre, no llegan a decirlo por los mismos motivos, como el de ser considerado poco adecuado para su sexo (“seria interessante fazer o contrário, pôr um rapaz a andar na rua e ver o comentário das meninas... porque as meninas também fazem este tipo de coisas, não é? O observar, o achar bonito, o dar um comentário” - MAI). Ello puede servir como indicativo al refuerzo del pensamiento de que un hombre debe tener una pareja mujer, o varias, para ser reconocido o aceptado como hombre masculino mientras que una mujer debe mantenerse al margen y a la espera de ser abordada. Así, el piropo podría ser considerado más que una herramienta para conocer a otras personas, una herramienta que mantiene a los hombres como dominantes por encima de las mujeres, permutando la imagen tradicional y hegemónica del mismo.

3.2.2.2 El piropo y la masculinidad hegemónica

Uno de los entrevistados, HD, indicó que “o objetivo é tentar conquistá-la e... pronto, pelo menos tomar alguma coisa com ela e conhecê-la ou... algo do gênero” que podría sugerir que el piropo es una herramienta para romper el hielo y entablar conversación con una posible pareja. Como él, otros hombres en la investigación pensaron de la misma manera, indicando que existe la idea del piropo como herramienta para conocer a alguien. No obstante, en su vasta mayoría, las opiniones revelan que en realidad es utilizado como demostración de masculinidad y dominio frente a los demás. HJ, por ejemplo, indica que el piropo, si bien tiene la función de conocer, o conquistar a una mujer, también se utiliza “na esperança de algo acontecer... até aquela ideia, [...] de ser engatado, né?” indicando que por detrás de conocer y posiblemente obtener una pareja, existe un sentimiento de demostración de ser el hombre estereotípicamente masculino en la sociedad o en su grupo de amistades. En su gran mayoría tanto hombres como mujeres comentan que la utilización de los piropos es en realidad “p’ra encaixar, é p’ra impressionar os outros [...] é p’ra se sentir que mesmo que não esteja a encaixar é p’ra sentir que está a encaixar e que pertence naquele grupo” (MM). A veces, el piropo es percibido, entonces, es a veces, como un acto realizado para llamar la atención no solo de un posible coqueteo como también para acentuar la posibilidad de estar dentro del grupo de amigos, como un código para ser incluido. Se podría inferir, a partir de estos comentarios, que el uso del piropo está ligado a la demostración de masculinidad estereotípica, con la cual se cementa su posición dentro del grupo a partir de la demostración de actos considerados masculinos. Tal idea se corrobora al verificar que “há a pressão grupal no sentido de se eu tiver num grupo de 5 pessoas,

tudo rapazes, e um fizer isto... é espectável que os outros vão atrás” (MAI). Demostrando la necesidad de mostrarse masculino dentro de un grupo de hombres a partir del piropo, u otros actos de conquista (Woodford et al., 2013). Con todo, se asiente que la manutención del pensamiento a partir de la expresión y muestra de deseo sexual del hombre (hacia el sexo femenino) realizada por el piropo, continua a ser percibido como algo ligado a la masculinidad dentro de la sociedad y la cual, de no ser ejecutada, puede ser utilizada como rechazo dentro del grupo o ser motivo de burla. Es por ello por lo que, como indicaron los participantes, los piropos generalmente se realizan en grupo y no en solitario:

Eu nunca vi um homem ou um rapaz, um miúdo, fazer um comentário que fosse quando estiver sozinho... quando estão com os amigos mais uma vez é... aquela imagem taí eu sou fixe agora é que faço isto, eu digo isto, eu digo aquilo, infelizmente existe muito isso, porque a mentalidade de grupo de alcateia de género diz um diz todos ou... ou vou ser fixe e vou dizer aos meus amigos p’ra eles dizerem [...] não sei o quê p’ra se rirem não sei o quê (HAM)

Conjuntamente, se juzgó que los piropos realizados en grupo son utilizados como herramienta para demostrar jerarquía y superioridad o poder tanto entre hombres miembros del grupo como también hacia a las mujeres. Retar a colegas a realizar piropos es muy común y su efecto es bastante claro:

É encarado como brincadeira... se um homem não for... ‘pá ele é só tímido e nós pronto ‘tamos ali um bocadinho a gozar com ele e ‘tá tudo bem e não pára de ser masculino por causa disso... [...] se calhar os outros rapazes, que mandaram aí fazer ficaram tipo ‘uau! Aquele rapaz é espetacular’ e se calhar isso eleva a masculinidade dele... ou seja, aí nunca se perde... ou ficamos tímidos e pronto não perdemos masculinidade ‘tá tudo bem, ‘tamos iguais, ou então vamos falar e ganhamos masculinidade em relação aos outros (HD)

Demostrando que el lanzar piropos ayuda a la formación de imagen masculina frente a los compañeros y si bien se indica que no se pierde masculinidad en caso de sufrir un rechazo, la visión personal de la misma puede ser diferente:

É muito mais afetada a minha própria... do que a dos outros... porque a dos outros viram... ok, pelo menos ele foi tentar... e não conseguiu saiu, pronto, ok, ‘tá tudo bem... ele até teve a sua prova, não correu bem mas pronto olha ao menos foi lá e tentou e não foi bem sucedido, acontece... comigo próprio [...] fico muito mais abalado (HD)

Tal comentario reflejaría ser el piropo, y su éxito o fallo, como una medida grupal de masculinidad como también como prueba de la misma frente a los demás.

Tanto hombres como mujeres indicaron que el acto de lanzar piropos se encuentra ligado a “ter motivos de afirmação pessoal [...] ou seja, eu a fazer estou a ser, estou a demonstrar dominância [...] não sei [se é] a palavra correta, na situação... e pronto como tal sou uma pessoa forte” (HG) como también puede demostrar control y poder,

pode ser por algo [...] algum sentimento de controlo ou de poder... sentido de que aquela pessoa... [...] se eu estiver com aquela pessoa eu depois vou poder... defini-la ou dizer-lhe o que que ela vai fazer porque ela só existe devido à apreciação que eu lhe dou... digamos assim (MAR)

Esto va acompañado de comentarios en que aparece la visión de la mujer como objeto y al hombre como deseoso de obtenerlo “é para os homens se sentirem de alguma parte que são... donos de algo... ou que querem ser donos de algo...” (MM). El piropo, entonces, engloba el demostrar características consideradas estereotípicas de la masculinidad hegemónica como son la fuerza, el control, el dominio. Como fue mencionado, su aceptación o rechazo por parte de la persona a la que se dirigió el piropo puede afectar la sensación de masculinidad del hombre, habiendo distintas reacciones sobre el mismo.

Aunque algunos pueden enfrentar el rechazo de manera pasiva, también se pudo observar experiencias con reacciones agresivas caso no obtengan lo deseado y así evitar la sensación de pérdida de masculinidad frente al grupo, habiendo experiencias en las que si una mujer rechaza este tipo de avances puede obtener reacciones como la de ser llamada:

‘Putá’, por exemplo, que é nada a ver eu não te respondi... porque que eu seria [...]. [Eles dizem] ‘deves que achar que é boa...deves te achar que és muito bonita’ [...] se calhar se aceitasse ele ficava todo feliz, mas como rejeitou, então agora tenho que te ofender que é p’ra veres que não vales assim tanto... que não vales as minhas palavras.... (MM)

Eso podría significar que, al ver su masculinidad lastimada, se trata de compensar la pérdida a partir de la disminución de la víctima y de demostrar una actitud agresiva reafirmando el control por encima del otro, por ende, de su masculinidad. Esto refleja la teoría de sobrecompensación referida por Willer et al. (2013). Es decir, el piropo, como bien indica R. Connell (1995; 1987) en lo que se refiere a la relación entre masculinidad hegemónica y feminidad acentuada, podría ser considerado como un acto más en el que se institucionaliza y/o normaliza la dominación del hombre sobre la mujer. Esto se evidencia a partir de la aceptación de este por parte de mujeres y hombres, como también por la creencia de ciertos hombres de que realizar este acto debería ser considerado un acto favorable hacia las mujeres, algo buscado por ellas y que, al realizarlo, el hombre está manifestando cosas positivas sobre ellas:

Até achava que lhes ‘tava a fazer um favor... ‘tava a fazer o que elas gostavam, né? Tipo... eu também, eu antes de me aperceber disto até gozava com as minhas amigas dizia quem me dera que houvesse mulheres assim a perseguirem-nos, tás a ver? [...] sentimos no direito de... se calhar sentimos que temos assim o direito de chegar a uma rapariga na rua e... se calhar que ela vai gostar de falar conosco (HF)

Tal teoría del dominio se afirma por comentarios que reflejan la existencia de un machismo latente en Portugal “o homem tem, se calhar a noção... que pode dizer o que quiser à mulher e que a mulher *tem* de respeitar isso” (HL). El acto se mantiene normalizado por la

discrepancia y por la falta de reacción de las víctimas ya sea por ignorar al mismo, denominándolo “normal” “eu pessoalmente ignoro..”. (MLO); “p’ra mim, eu ignoro um simples piropo...” (MAQ) como también por miedo de obtener reacciones agresivas como mencionadas anteriormente.

Por lo tanto, los comentarios podrían indicar, tal y como es mencionado en el estudio realizado por Campos et al. (2016), que debido tanto a la ambigüedad como a la falta de efecto visible para con las víctimas del acoso sexual, no solo el piropo es normalizado como también, según algunos hombres entrevistados, se ridiculiza el sentirse ofendido si acaso se sufre por recibirlos, siendo que ellos debieran ser considerados un halago, algo positivo el recibirlos “se eu fosse uma rapariga... que fosse da minha casa ao supermercado... e ouvisse um ou dois comentários que acho que seria o normal... nuns 10 minutos de caminhada uns dois, um ou dois comentarios” (HD). Ello demuestra, así, cómo el piropo es utilizado como herramienta que abarca ideas que dividen a los sexos, manteniéndolos en puestos de poder diferentes tales como que el hombre continúe dominante y la mujer, hasta un cierto punto, sumisa.

Conclusiones

A partir de las entrevistas realizadas a lo largo de la investigación, fue posible dilucidar varias observaciones sobre las percepciones de masculinidad, así como también sobre los piropos y su ligación con el concepto.

Entre las percepciones de masculinidad se pudieron observar tres subtemas a partir de los comentarios realizados por los participantes siendo estos la definición de la masculinidad, las características que la definen y la masculinidad en la actualidad. En lo que se refiere a la definición de la masculinidad se pudo observar que es considerado un concepto difícil de definir, mientras algunos participantes interpretaron a la masculinidad como sinónimo de machismo, algunos lo indicaron como sinónimo de ser hombre. Varios reflejaron que la masculinidad es un concepto social acuñado a partir de la sociedad y los medios que rodean al hombre, así como también algo que se va desarrollando y formando a lo largo de los años. La ligación con el machismo se debe mucho a las características tradicionalmente asociadas a la masculinidad. Sin embargo, se continúan considerando características como fuerza, trabajo manual, entre otras como atributos masculinos, las mismas se han separado de la definición de hombre, por veces indicando que las mismas son consideradas estereotípicas y alejadas de la realidad. A pesar de ello pueden existir grupos que buscan estas características en los hombres, aunque no necesariamente como demostración de masculinidad sino más bien a partir de un gusto propio. No obstante, opinan que estas mismas características también han generado determinismos en los hombres con relación a cómo deben ser y actuar para ser considerados masculinos dentro de la sociedad. Este tipo de características continua a ser manifestado para ser considerado masculino partiendo de la idea de que el masculino es lo opuesto al femenino, rechazando así, características femeninas, por la posibilidad específica de ser considerado homosexual.

Con todo, a partir del análisis se pudo observar un consenso de que tales determinismos deberían ser eliminados, dando paso a masculinidades que huyan de la tradición hegemónica, a masculinidades diferentes, creadas a partir de la individualidad de cada persona, algo que continua a probarse con dificultades debido a que, por ser un concepto social, la masculinidad es tanto condición que se percibe personalmente como también es atribuida por la sociedad. Por lo tanto, se considera necesario cambiar la mentalidad de las personas sobre la masculinidad para que prolifere tal libertad (R. Connell, 1995; Myers, 2016; Pease, 2000; Seidler, 1997; Thompson Jr. & Bennett, 2017).

En lo que se refiere al segundo tema, se pudo observar dos subtemas. Las opiniones con respecto al acto en específico de hacer o decir piropos fueron divididas, dado que tanto se acepta como se rechaza rotundamente el piropo, generalmente dependiendo del tipo de lenguaje utilizado. El análisis, a su vez, también indicó resultados dispersos sobre si el mismo debiera ser considerado una agresión o incluso un tipo de violencia. De la misma manera, situación similar se pudo observar en lo que se refiere a la criminalización del acto. Con lo cual se llega a la conclusión de que el acto per se, se encuentra en un limbo entre ser aceptado, ser considerado violento, y su legalidad debido a que las tres dependen de la subjetividad de la víctima y que ella pueda o no recibir piropos y ser afectada por ellos.

En el segundo tema, se derivó que el piropo, aunque sea considerado por muchos como algo natural e inherente al hombre, es en realidad un comportamiento aprendido a partir de la sociedad y de las expectativas tradicionales de acción que un hombre debe tener frente a las mujeres. Por lo tanto, por más que sea considerado por muchos como una herramienta para conocer a otras personas (particularmente hombres con la meta de conquistar mujeres) también se le puede considerar como una herramienta para demostrar masculinidad dentro de un grupo, aumentando confianza y estatus dentro del mismo; como también para ejercer dominio y poder por encima de las víctimas. El piropo entonces puede percibirse, a partir de los comentarios, como un mecanismo normalizado dentro de la sociedad que funciona para mantener a la masculinidad hegemónica como mencionado por Cheryan et al. (2015) y Willer et al. (2013). Sigue siendo considerado como un elemento básico en las relaciones sociales de género y reafirma la posición del hombre como dominante y de la mujer como sumisa (Gartner & Sterzin, 2016).

A partir de este estudio entonces, se pudieron realizar los objetivos expuestos al comienzo del trabajo. Se logró obtener una visión sobre la masculinidad, su definición y sus características por veces consideradas estereotípicas. La masculinidad, hoy, puede encontrarse en un proceso de transformación hacia algo menos determinante favoreciendo una promoción de la individualidad e incluso, podría decirse, la falta de importancia de un concepto como el de “ser masculino”. De la misma manera se exploró el acto del piropo, dando como resultado aclaraciones sobre su aceptación y rechazo, así como si el mismo pudiera ser considerado un acto violento o no. Si bien en ambos casos no se llegó a un consenso, considerándose que es un acto subjetivo a la experiencia de la víctima, se pudo dilucidar que el mismo sí se encuentra

asociado a la masculinidad, así como también a su papel en demostrarla y mantener el *status quo* patriarcal hegemónico a partir de su uso como demostración de coraje y mantenimiento de masculinidad frente a las demás personas.

Cabe recalcar que dentro de las limitaciones del estudio se encuentran la homogeneidad de los participantes, siendo que la gran mayoría de estos eran estudiantes de la FPCEUP. Un ambiente así, donde temáticas de género son ampliamente discutidas y estudiadas, pueden haber parcializado las opiniones de los participantes. Cabe la posibilidad de que ciertas respuestas, o pensamientos de los participantes puedan no ser del todo genuinas debido a la deseabilidad social de los mismos. Siendo este un estudio cualitativo de baja magnitud, el número de participantes refleja una pequeña porción de lo que se podría pensar a gran escala incluso dentro de la propia FPCEUP con lo que no se puede generalizar las conclusiones derivadas dentro del estudio. Finalmente, debido a la limitación de espacio, tiempo y por consideración de los autores, dentro de este estudio se omitió un tema sobre pensamientos generales de género y sexo que, a pesar de estar ligado a la temática de masculinidades, no se incluyeron en este texto ya que, además de lo mencionado anteriormente, se desviaban un poco de los objetivos específicos de la investigación.

A raíz de estas limitaciones se recomienda expandir este estudio tanto a otras facultades de la ciudad, así como también a otros a otros contextos no-académicos, ciudades, donde otras opiniones amplíen la red de sentires y enriquezcan, confirmen, y/o nieguen los datos y conclusiones obtenidas. Dada la riqueza y divergencia de opiniones obtenidas a lo largo de las entrevistas se recomienda también utilizar grupos focales con la misma temática ya que el debate podría enriquecer los datos y dar un estudio más completo.

Bibliografía

- Arnold, J. (2003). *Review of From Boys to Men: Formations of Masculinity in Late Medieval Europe*. Retrieved from London:
- Ayers, D. (2008). Bodies, Bullets and Bad Guys: Elements of the Hardbody Film. *Film Criticism*, 32(3), 41-67.
- Backman, E. L., & Backman, L. R. (1997). Sexual Harassment and Rape: A view from Higher Education *Men and Sex New Psychological Perspectives* (pp. 133-155). New York, New York, EUA: John Wiley & Sons.
- Bandura, A. (1989). Social Cognitive Theory. *Annals of Child Development*, 6, 1-60.
- Bozkurt, V., Tartanoglu, S., & Dawes, G. (2015). Masculinity and Violence: Sex Roles and Violence Endorsement among University Students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 205, 254-260.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful Qualitative Research a practical guide for beginners*. London: Sage Publications.
- Campos, P. A., Falb, K. L., Hernández, S., Díaz-Olavarrieta, C., & Gupta, J. (2016). Experiences of street harassment and associations with perceptions of social cohesion among women in Mexico City. *Salud Publica de México*, 59(1), 102-105.
doi:10.21149/7961
- Chan, J. (2017). "Am I Masculine Enough?": Queer Filipino College Men and Masculinity. *Journal of Student Affairs Research and Practice*, 54(1), 82-94.
doi:10.1080/19496591.2016.1206021
- Cheryan, S., Cameron, J. S., Katagiri, Z., & Monin, B. (2015). Manning Up Threatened Men Compensate by Disavowing Feminine Preferences and Embracing Masculine Attributes. *Social Psychology*, 46(4), 218–227. doi:10.1027/1864-9335/a000239
- Chomczynski, P. (2008). Software Review: QDA MINER – The Mixed Method Solution for Qualitative Analysis by Provalis Research. *Qualitative Sociology Review – Software Reviews*, 4(2), 126-129.
- Cohen, M. (2005). "Manners" Make the Man: Politeness, Chivalry, and the Construction of Masculinity, 1750–1830. *Journal of British Studies*, 44(2), 312-329.
- Collier, R. (1998). *Masculinities, Crime and Criminology*. London, UK: Sage Publications.
- Connell, R. (1995). *Masculinities*. Oxford: Polity Press.

- Connell, R., & Messerschmidt, J. (2005). Hegemonic Masculinity Rethinking the Concept. *Gender & Society*, 19(6), 829-859.
- Connell, R. W. (1987). *Gender & Power*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Connell, R. W. (2000). Arms and the man: Using the new research on masculinity to understand violence and promote peace in the contemporary world. In I. Breines, R. Conell, & I. Eide (Eds.), *Male roles, masculinities and violence a culture of Perspective* (pp. 21-35). Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
- Freedman, E. (2002). *No Turning Back: The History of Feminism and the Future of Women*. London, UK: Profile Books.
- Gartner, R. E., & Sterzin, P. R. (2016). Gender Microaggressions as a Gateway to Sexual Harassment and Sexual Assault: Expanding the Conceptualization of Youth Sexual Violence. *Journal of Women and Social Work*, 31(4), 491-503.
doi:10.1177/0886109916654732
- Gerson, K. (1993). *No Man's Land*. New York, New York, Estados Unidos: Basic Books.
- Hunt, L. (1998). *British Low Culture: From Safari Suits to Sexploitation*. London, UK: Psychology Press.
- Kaye, J. (2009). Twenty-First-Century Victorian Dandy: What Metrosexuality and the Heterosexual Matrix Reveal about Victorian Men. *Journal of Popular Culture*, 42(1), 103-123.
- Kluczyńska, U. (2017). Motives for choosing and resigning from nursing by men and the definition of masculinity: a qualitative study. *Journal of Advanced Nursing*, 73(6), 1366-1376. doi:http://dx.doi.org/10.1111/jan.13240
- LaPan, C. (2013). Review of QDA Miner. *Social Science Computer Review*, 31(6), 774-778.
doi: 10.1177/0894439313492711
- Levant, R. F., & Kopecky, G. (1995). *Masculinity Reconstructed: Changing the Rules of Manhood at Work, in Relationships, and in Family Life*. New York: Dutton.
- Lips, H. M. (1991). *Women, Men and Power* (F. C. Graham Ed.). Mountain View, California: Mayfield Publishing Company.

- Lisboa, P.-G. D. d. (2015). Artigo 170.º Importunação sexual. Retrieved from http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=109A0170&nid=109&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&nversao
- MacInnes, J. (1998). *The End of Masculinity*. Bristol, PA: Open University Press.
- Marques, A. M. (2011). *Masculinidade e Profissões: Discursos e Resistências* (Fundação Calouste Gulbenkian ed.). Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda.
- Morioka, M. (2013). A Phenomenological Study of “Herbivore Men”. *The Review of Life Studies*, 4, The Review of Life Studies.
- Murnen, S. K., Wright, C., & Kaluzny, G. (2002). If “Boys Will Be Boys,” Then Girls Will Be Victims? A Meta-Analytic Review of the Research That Relates Masculine Ideology to Sexual Aggression. *Sex Roles*, 46(11/12), 359-375.
- Myers, J. (2016). *The Future of Men: Masculinity in the Twenty-First Century*. Oakland, CA, USA: Inkshares.
- Nadal, K. L. (2013). *That's So Gay!: Microaggressions and the Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Community*. Washington DC: American Psychological Association.
- OMS. (2005). *Alianza para la Prevención de la Violencia Promoción de un compromiso mundial en pro de la prevención de la violencia*. Retrieved from Geneva:
- OMS (Producer). (2017). Violencia. *Organización Mundial de la Salud*. Retrieved from <http://www.who.int/topics/violence/es/>
- OMS, UNODC, & PNUD. (2014). *Informe sobre la situación mundial de la prevención de la violencia 2014*. Retrieved from Geneva:
- Pease, B. (2000). *Recreating Men Postmodern Masculinity Politics*. London: Sage Publications Ltd.
- Pérez, V. A. F., Fiol, E. B., Guzmán, C. N., Palmer, M. C. R., & Buades, M. E. G. (2008). Los micromachismos o microviolencias en la relación de pareja: Una aproximación empírica. *anales de psicología*, 24(2), 341-352.
- Poe, R. S. (2015). Engendering epic: heroism as constructed masculinity in the epics of Gilgamesh and Beowulf *Honors Theses*. Chattanooga, Tennessee, USA: UTC.
- Poteat, V. P., Kimmel, M. S., & Wilchins, R. (2010). The Moderating Effects of Support for Violence Beliefs on Masculine Norms, Aggression, and Homophobic Behavior During

- Adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 21(2), 434 – 447.
doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00682.x
- Provalis. (2018). Some of our clients. Retrieved from
<https://provalisresearch.com/company/clients/>
- Reed, E., Silverman, J. G., Raj, A., Rothman, E. F., Decker, M. R., Gottlieb, B. R., . . . Miller, E. (2008). Social and Environmental Contexts of Adolescent and Young Adult Male Perpetrators of Intimate Partner Violence: A Qualitative Study. *American Journal of Men's Health*, 2(3), 260-271. doi:10.1177/1557988308318863
- Reeser, T. (2010). *Masculinities in Theory: An Introduction*. Malden, MA, USA: John Wiley & Sons Ltd.
- Roomani, F. Z., Tayyab, F., Kamal, N., & Siddique, K. (2016). Role of Women in Perpetuating Violence against Women: Case Studies of Domestic Violence Victims. *Pakistan Journal of Social Sciences*, 36(2), 1185-1195.
- Roth, M. T. (1995). *Law Collections From Mesopotamia and Asia Minor*. Washington D.C: Society of Biblical Literature.
- Rubarth, S. (2014). Competing Constructions of Masculinity in Ancient Greece. *Athens Journal of Humanities & Arts*, 1(1), 21-32.
- Rubin, H. J., & Rubin, I. S. (1995). *Qualitative Interviewing The Art Of Hearing Data* (S. McElroy Ed.). Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Scheibel, W. (2016). Rebel masculinities of star/director/text: James Dean, Nicholas Ray, and Rebel Without a Cause. *Journal of Gender Studies*, 25(2), 125-140.
- Seidler, V. J. (1997). *Man Enough Embodying Masculinities*. London: Sage Publications.
- Seymour-Smith, S. (2017). A Critical Discursive Approach to Studying Masculinities. In R. F. Levant & Y. J. Wong (Eds.), *The Psychology of Men and Masculinities* (pp. 105-138). Washington D.C: American Psychological Association.
- Spierenburg, P. (1998). Masculinity, Violence, and Honor: an Introduction. In P. Spierenburg (Ed.), *Men and Violence- Gender, Honor, and Rituals in Modern Europe and America* (pp. 1-29). Columbus, Ohio, EUA: Ohio State University Press.
- Strate, L. (1992). Beer commercials: A manual on masculinity. In S. Craig (Ed.), *Men, Masculinity, and the Media* (pp. 78-92). Thousand Oaks, CA, USA: Sage Publications.

- Stutterheim, S., Bertens, M., Mevissen, F., & Schaalma, H. (2013). Factors contributing to inconsistent condom use among heterosexual men in Curaçao. *Culture, Health & Sexuality (CULT HEALTH SEX)*, 15(14), 420-433.
doi:<http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2012.762119>
- Thompson Jr., E. H., & Bennett, a. K. M. (2017). Masculinity Ideologies. In R. F. Levant & Y. J. Wong (Eds.), *The Psychology of Men and Masculinities* (pp. 45-74). Washington DC: American Psychological Association.
- Wagner, P. E. (2016). Picture Perfect Bodies: Visualizing Hegemonic Masculinities Produced for/by Male Fitness Spaces. *International Journal of Men's Health*, 15(3), 235-258.
doi:10.3149/jmh.1503.235
- Watkins, F., Bristow, K., Robertson, S., Norman, R., Litva, A., & Stanistreet, D. (2013). 'I think boys would rather be alpha male': Being male and sexual health experiences of young men from a deprived area in the UK. *Health Education Journal*, 72(5), 635.
- Wiener, M. J. (1998). The Victorian Criminalization of Men. In P. Spierenbutg (Ed.), *Men and Violence Gender, Honor, and Rituals in Modern Europe and America* (pp. 197-212). Columbus: Ohio State University Press.
- Willer, R., Rogalin, C. L., Conlon, B., & Wojnowicz, M. T. (2013). Overdoing Gender: A Test of the Masculine Overcompensation Thesis. *American Journal of Sociology*, 118(4), 980-1022.
- Wojnicka, K. (2015). Masculinities, men and violence. *Expert Essay*, 1-5. Retrieved from Work With Perpetrators European Network website: http://www.work-with-perpetrators.eu/fileadmin/WWP_Network/redakteure/Expert%20Essays/WWP-EN%20Expert%20Essay%20-%20Men%20and%20Violence.pdf
- Wong, D. (2012). 5 Ways Modern Men Are Trained to Hate Women. *Cracked*. Retrieved from http://www.cracked.com/article_19785_5-ways-modern-men-are-trained-to-hate-women.html
- Wong, D. (2016). 7 Reasons So Many Guys Don't Understand Sexual Consent. *Cracked*. Retrieved from Cracked website: <http://www.cracked.com/blog/how-men-are-trained-to-think-sexual-assault-no-big-deal/>
- Woodford, M. R., Howell, M. L., Kulick, A., & Silverschanz, P. (2013). "That's so Gay": Heterosexual Male Undergraduates and the Perpetuation of Sexual Orientation

Microaggressions on Campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(2), 416–435.
doi:10.1177/0886260512454719

ANEXOS

Anexo A

Guião

Grupo I

- a. Alguma vez você ouviu falar da palavra masculinidade? O que você pensa ao ouvir essa palavra?
- b. Para você, ser masculino é o mesmo que ser homem? Como?
- c. E o que é ser mulher? É diferente?
 - i. O que é que o/a leva a pensar dessa maneira?
- d. E o que é ser homem?
- e. Essa forma de ser homem influencia a relação dos homens com as mulheres? E com o outros homens?

2. Grupo II

Apresentação do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=bsTGvy5pc04>

1. Qual é a sua opinião sobre este vídeo?
2. O que você pensa da imagem dos homens apresentada no vídeo?
3. Acha que este tipo de homem é representativo da masculinidade?
 - a. Acha que só existe este tipo de masculinidade (caso sim ou não)
 - b. Acha que um homem pode ser o oposto do que é representado no vídeo?

3. Grupo III

- a. Apresentação do vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=b1XGPvbWn0A>
O que acha deste tipo de comportamento? E porque?
- b. Acha que este tipo de comportamento é socialmente aprendido?
- c. Acha que este tipo de comportamento é estimulado/fomentado? E quem estimula/fomenta este tipo de comportamento?
- d. Acha que estes tipos de comportamentos fazem parte de ser masculino?
- e. No seu meio, você costuma presenciar este tipo comportamentos?
 - i. Acha que em contextos específicos (queima das fitas, festas acadêmicas, etc)?
- f. Acha que este tipo de atos podem ser considerados um tipo violência?

4. Grupo IV

- a. Qual a sua idade?
- b. De onde é natural?
- c. Qual o seu sexo biológico? Qual o gênero com que você se identifica?
- d. Que curso está a frequentar?
- e. Fez alguma unidade curricular em que abordasse as questões de gênero? Qual?

Para finalizar, você gostaria de acrescentar alguma coisa sobre este tema que não tenha sido abordada?

Anexo B

CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDO DE PSICOLOGIA

Título do estudo: Percepções sobre masculinidades

Enquadramento: O presente estudo enquadra-se no Mestrado em Temas de Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e visa conhecer as percepções que jovens homens e jovens mulheres têm sobre as masculinidades e a sua opinião a respeito do que significa ser homem.

Explicação do estudo: Neste estudo pretende-se que os/as participantes colaborem numa entrevista, respondendo a perguntas feitas pelo entrevistador relacionadas com a sua visão sobre os homens e a sociedade. Esta entrevista será gravada com vista a posterior transcrição e análise dos dados. A participação do/a entrevistado/a é voluntária, podendo o/a participante retirar-se a qualquer momento antes ou durante a entrevista, caso não deseje mais fazer parte do estudo. A entrevista durará aproximadamente entre 45 minutos e uma hora.

Confidencialidade e anonimato: Garante-se total e completo anonimato dos participantes no estudo. Não será necessário registo de nomes utilizando apenas dados demográficos nos resultados. No caso de na entrevista seja mencionado qualquer dado que possa identificar o entrevistado ou outras pessoas, os dados serão modificados na transcrição a fim de garantir o anonimato de todas as partes.

Por favor, leia com atenção a informação que consta neste documento. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar, embaixo, este documento.

Assinatura/s de quem pede consentimento: _____

Bernardo Lucio Paredes de Oliveira

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que assina acima. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Nome: _____

Desejo receber informação sobre: Resultados da investigação **Sim**____ **Não**____

Data e local da defesa **Sim**____ **Não**____

Contato _____

Assinatura_____ **Data:**____/____/____

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 2 PÁGINAS E FEITO EM DUPLICADO: UMA VIA PARA O INVESTIGADOR, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

Anexo C

